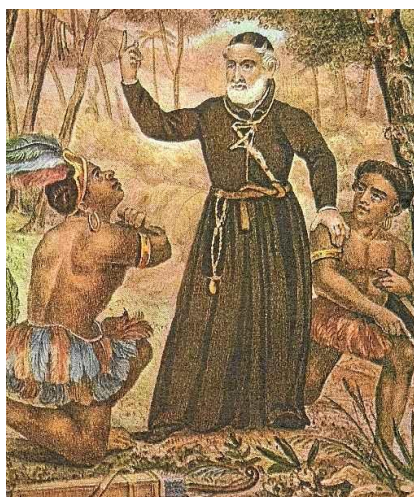
Salomão Rovedo

A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO

(Messianismo e Evocação nas crônicas de Joaquim Itapary)

Rio de Janeiro
2020
(Ano da Pandemia do Covid-19)

Pouco se sabe da vida da, talvez, maior personalidade da literatura medieval portuguesa; somente sua profissão é, de fato, conhecida. Fernão Lopes, guardador das escrituras da Torre do Tombo, escrivão de livros do rei D. João I e escrivão da puridade do infante D. Fernando, deve ter nascido em Lisboa, de uma família do povo, entre 1378 e 1383. É considerado o maior historiógrafo de língua portuguesa, aliando a investigação à preocupação pela busca da verdade histórica. Correu a província à procura de informações e documentos que lhe serviram para escrever as várias crônicas "dos reis que antigamente em Portugal foram", conforme designação de D. Duarte, em 1434, nomeando-o como cronista oficial do reino. Escreveu, com certeza, as crônicas de D. Pedro I, de D. Fernando e de D. João I. (Fabio Della Paschoa Rodrigues: O português arcaico do Século XV - Análise de A Crônica de D. Fernando de Fernão Lopes)

A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO

(Messianismo e Evocação nas crônicas de Joaquim Itapary)

Aqui não se pretende incendiar mais ainda a discussão sobre a crônica como gênero literário ou jornalístico, enquanto alguns literatos consideram-na um texto natimorto, no máximo de curtíssima sobrevida, tema batido e rebatido, chato e monótono, que nada elucida nem deixa espaços para o consenso – pior, inútil, porque empurra a crônica e o cronista a um beco sem saída. A realidade, porém, mostra e eterniza outra perspectiva, encerando o assunto de vez. O foco é ressaltar a escolha que o escritor maranhense deu à crônica como principal gênero artístico de expressão.

Ao contrário da crônica histórica cotidiana, que aborda e exaure em bloco único o tema do momento, Joaquim Itapary, usando a forma sui-generis de construção piramidal transforma cada fragmento em núcleo de informações, trabalhando diversos temas de uma só vez, cada qual com peso e importância próprios.

Joaquim Itapary (São Bento, MA, 1936) ocupa a Cadeira nº 4 da A.M.L. e pertence à Academia Sambentuense, entidade da terra natal. Como jornalista, trabalhou nos periódicos "Jornal do Povo", "O Combate", "Diário da Manhã", "O Estado do Maranhão" e foi fundador da revista "Legenda", todos de São Luís. Além de reportagens, crônicas e artigos, publicou trabalhos técnicos em periódicos especializados, mas foi na crônica de jornal que ancorou de vez o objetivo de sua arte.

Além de farta produção esparsa, publicou em livro: 'Seis poemas" (1987), "Do incerto ócio", poesia, (1989), "A falência do ilusório", história da Fábrica Rio Anil, (1995), "Sob o sol", crônicas, (2000), "Crônicas" (2004), "Tapuiranas", crônicas, (2007), "Hitler no Maranhão ou O monstro de Guimarães", ficção (2011), "Onde andará Willy Ronis", crônicas (2014) e a Antologia "Armário de Palavras", crônicas reunidas, (2015). Tem inédito importante obra que reúne os Sermões Maranhenses, pregados pelo Jesuíta Padre Antônio Vieira, principal inspirador moral, ideológico e religioso.

A crônica, por outro lado dizem os entendidos, é o gênero literário mais dinâmico entre os pares, porque se localiza entre o Jornalismo e a História: é o relato mais objetivo possível de um acontecimento, flagrado no exato tempo que ocorreu. Na verdade, a crônica hoje em dia firmou-se como gênero literário indefinido, assim como a novela, o conto, o romance – porque também na crônica se encontra espaço para a ficção como espelho da realidade. E para finalizar esta introdução, toda a literatura está um cu-de-boi danado! Então, crônica é aquilo que o autor chama de crônica...

Há décadas que Joaquim Itapary anda de mãos dadas com a crônica semanal, mas demorou algum tempo para que assumisse de vez a crônica como gênero literário de sua preferência. Se isso ocorreu, diga-se, não foi por escolha própria, ao contrário, foi a crônica que o nomeou seu intérprete, assim como os espíritos elegeram Chico Xavier para narrar as histórias de outras vidas. São mistérios que transformam a crônica num tipo de literatura de armadilhas que começam a agir desde o dia em que é enviada aos redatores, continua quando o leitor acaba de ler, segue quando o diário vai para o lixo e termina nas mãos do peixeiro ou açougueiro: tanto embrulha o pescado quanto o filé mignon – se não lhe for dado destino menos nobre...

Nenhum cronista nem daqui nem d'alhures ousaria imaginar uma trajetória além desse circuito de vida tão curta e de pouca fama. Em assim sendo, correria risco de ser xingado de pedante, metido a besta e outros adjetivos impublicáveis. E como tiro de misericórdia, lerá a crítica demolidora que decreta a sentença de morte da crônica no dia que sai no jornal. A crônica não leva à fama. Por isso disse acima que a crônica é um tipo de literatura cheia de pegadinhas e armadilhas que põe a biografia do cronista em constante risco de vida. Certo dia, porém, Joaquim Itapary dormiu e acordou com a ideia fervendo na cabeça: por que não publicar as crônicas em livro?

Aí foi um deus me acuda! Opiniões a favor, palpites contrários, nada fez o cronista desistir do intento. Centenas de folhas espalhadas pela mesa de trabalho obrigaram-no a pedir arrego. A papelada teimava em não se organizar ao molde do autor. Jogou tudo nas mãos de organizadores. As crônicas foram escolhidas por temática, outras pelo belo simples, mais algumas pela importância do assunto. Algum tempo depois, a maçaroca foi-lhe devolvida acompanhada de relatório,

índice, colofão, notas explicativas, essas coisas feitas com profissionalismo e dedicação. Mas qual nada! O cronista Joaquim Itapary, acostumado ao rigor das lutas pessoais, não se deixou tombar pelo canto das sereias. Tomou o leme nas mãos, imaginou as crônicas recitando os nobres versos de Walt Whitman: – *Ó Comandante! Meu Comandante!* – Como se a ele fizessem o apelo definitivo: – *Por favor, guie-nos!*

Desde que a primeira coletânea foi publicada (“Sob o sol”, 2000), estaria entregue aos leitores com recomendação de que seria a crônica o principal veio comunicador de Joaquim Itapary, embora não lhe falte talento nem competência para outras estiradas, como assim atesta a sua bibliografia. Em 2007 Joaquim repetiu o feito, desta vez declarando amor perpétuo à cidade de São Bento, que idolatra desde a infância e não deixa de visitar várias vezes por ano, assim que o tempo permite.

Assim foi que deixou as Folias de Momo de lado, deu conta de que as festividades carnavalescas andam muito desvirtuadas – como confirmam as crônicas Primeira, Segunda e Última do Carnaval, encontradas neste “Armário de Palavras”. Fugindo da folia, Joaquim Itapary arruma a mala e parte para a terra querida em busca da refrescância da alma, dos prazeres do corpo e da memória. Em lá estando não foi difícil gestar a fazer nascer o segundo livro de crônicas “Tapuiranas” (2007).

Como a experiência foi um sucesso, seguiu o mesmo ritmo de “Sob o sol” (2000), em 2014 uma nova juntada se fez, estreando no volume a crônica de sabor universal que dá nome ao livro: “Onde andará Willy Ronis?”. Ambos foram publicados pelo autor, mas sob a chancela da Academia Sambentuense, da qual Joaquim Itapary é membro. E com “Armário de palavras”, saído no fim do ano de 2015, em coedição do autor com a Academia Maranhense de Letras, Joaquim Itapary prossegue no afã de resguardar um importante ciclo da história cotidiana de São Luís e do Maranhão, embora o cronista não deixe de lado o universo que cerca a Ilha Rebelde e de vez em quando traz para seus leitores notícia d’além mar.

Quando Joaquim Itapary publicou “Hitler no Maranhão” (Edições AML - 2011), crônicas que se transformaram em folhetim para uma novela, ganhou amigos e inimigos, provocou controvérsias e

discussões – ao fim levados a um beco sem saída: A professora Afonsina, principal informante, testemunha ocular e guardiã das provas do acontecimento havia falecido. Por acidente a sua casa pegou fogo e tudo se consumiu nas chamas. Dona Afonsina foi retirada com vida, mas devido à inalação de muita fumaça tóxica, sobreviveu por menos de um ano.

"Hitler no Maranhão, que bobagem!" Dentro do trem rumo à Central do Brasil ouvi meu vizinho de assento fazer esse comentário. Ele me viu lendo o livro de Joaquim Itapary, que versa sobre esse tema. Como esse meu vizinho de trem é passageiro que também aproveita o tempo perdido nos transportes coletivos lendo romances, encetamos conversa. E essa foi a primeira frase que fez ao ler o título do volume que eu estava lendo.

Depois de me explicar que é expert em II Guerra Mundial, assuntou que nunca ouvira nenhum historiador ou ficcionista versar sobre essa possibilidade. Por minha parte, argumentei que o assunto tratava de uma teoria levantada pelo cronista e jornalista maranhense Joaquim Itapary, dando conta de que Adolf Hitler, logo após ter seu bunker explodido por inimigos do seu regime, por medida de segurança, fugiu para o Maranhão, se resguardando de outras ameaças que poderiam atentar contra a sua vida.

O fato é que Hitler tinha sim vários planos de emergência que visavam protegê-lo (e a seus familiares) de ataques de inimigos que, antecipando a derrota iminente, surgiam de todo lado. Russos, franceses, ingleses, norte-americanos, todos faziam esforços para chegar primeiro, dominar e capturar Hitler, que se tornara a presa mais preciosa da guerra – pois eram favas contadas que a batalha estava chegando ao fim. Em seguida ao atentado do bunker os assessores mais próximos de Hitler aconselharam-no passar uns dias fora de circulação, posto que temessem que essa tentativa frustrada de assassinar o Führer tivesse efeito dominó e contaminasse outros grupos insatisfeitos, detonando uma série de emboscadas.

Com um submarino completamente equipado e moderno, Hitler seria retirado da Alemanha por alguns dias até que seus desafetos fossem julgados e executados exemplarmente, acalmando a revolta interna que minava as forças armadas alemãs. O almirante Von

Puttkamer tomou as rédeas da operação e foi assim que o UB-99 que transportava Hitler e sua comitiva foi parar a 2°07'57 Lat. S e 44°36'04 Long. W, ou seja, na costa maranhense, cidade de Guimarães. Um bom pesquisador não se perde em reticências, antes, parte à procura de veracidade e foi assim que o cronista Joaquim Itapary sacrificou um Carnaval inteiro e viajou para Guimarães em busca de indícios que dessem veracidade à suposta presença de Hitler no Brasil.

Junto com o cronista foi o ficcionista, que encontrou não só fragmentos do fato histórico, mas outra fábula cheia de excentricidades, e mais outra, em que o elemento amor configura o entrecho, e outras mais quando o espírito demoníaco tenta destruir uma vida santa, e uma mais: a exortação excomungatória aplicada por via de um sermão do reencarnado padre Antônio Vieira – mas toda a explosão narrativa culmina na santa Paz de Deus, no embalo das redes, na placidez da baía de Urubuóca.

No decorrer da trama, porém, surge a imponente figura de. Afonsina, ou melhor, Afonsina Goulart Coutinho, professora típica interiorana, mas de inteligência, personalidade forte, beleza acurada – que despista o fato histórico, passando a assumir a liderança na trama. É uma ocorrência que se dá sem que o autor tome a iniciativa, a partir do momento em que os personagens assumem as rédeas do roteiro do romance. Afonsina, que seria apenas o estopim da narrativa, com o tempo toma assento na sala e, entre cafés, manuês e bolo de milho – intercalando outros acepipes da culinária maranhense – passa a ser a própria relatora da presença de Hitler no Maranhão.

A partir daí cresce em importância a própria vida de Afonsina, seu relato de sobrevivência, objeto direto e personagem de fatos extraordinários, mulher forte que não se perde da trilha do saber nem se esquece de viver com audácia suficiente para se apropriar do homem que ama com garra, coragem e liberdade.

Quem quiser conhecer mais dessa história, quer saber do que se trata, quer tomar ciência das novidades, quer enriquecer e atualizar o tema histórico, posto que o mistério persiste, é só escrever ao cronista maranhense e pedir o livro. Todos vocês haverão de conhecer e se apaixonar por Afonsina e tentar descobrir se é mais fato do que mentira, o fato se Hitler esteve de verdade no Maranhão.

Essa exceção na feitura das crônicas foi apenas um interregno intelectual: também o cronista necessita expandir suas ideias e narrativas, lembrando antigos escritos medievais – como se disse – como é o feitio deste fantástico registro histórico em pleno Século XX.

As artimanhas do messiânico Padre Vieira

Quando em 2015 saiu o alentado volume "Armário de Palavras", reunião das mais destacadas crônicas de Joaquim Itapary, o escritor e Presidente da Academia Maranhense de Letras, Benedito Buzar, no prefácio "Sobre esta edição" fez questão de esclarecer:

"Este livro contém a maior parte da colaboração prestada pelo A., entre os anos de 2000 e 2015, ao jornal "O Estado do Maranhão", editado na cidade de São Luís, Capital do Maranhão.

Desse período excluem-se os capítulos de uma novela semanalmente publicados no citado jornal, entre os anos 2010/2011, sob o título de "Hitler no Maranhão ou o monstro de Guimarães" cujos capítulos estão reunidos em livro editado no ano de 2011 pela Academia Maranhense de Letras, entidade da qual Joaquim Itapary ocupa a Cadeira 4 e já exerceu a presidência.

Excluem-se, ademais, doze capítulos semanais de inconclusa novela, intitulada de "Fé e fogo em Pureza", saídos nos mesmo jornal no ano de 2013. ***Do mesmo modo alguns textos relativos à ação do jesuíta Pe. Antônio Vieira no Maranhão, publicados no mesmo diário da imprensa maranhense, permanecem reservados para edição em volume especial, como pretende o Autor.*** *(Grifei)*

Em 2000, a Academia Maranhense de Letras já editara o livro intitulado de "Sob o Sol", contendo crônicas de Joaquim Itapary produzidas no período 1993/2000, na mesma condição de colaborador do referido jornal. Assim, nestes dois livros – "Sob o Sol" e "Armário de Palavras" - encontram-se crônicas produzidas, nos últimos 22 anos, por um escritor que se mantém em posição de justo destaque entre os intelectuais maranhenses.

A AML agradece aos escritores Salomão Rovedo e Aurora da Graça Almeida pelo trabalho de pesquisa, digitação e organização dos textos componentes deste volume, muitos dos quais se haviam extraviado em razão de frequentes substituições de computadores ou de seus componentes de memória.

Sobretudo, o Editor agradece à FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão e à Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão que, nos termos de Edital Público, no ano de 2014, financiaram parte dos custos desta edição, sob a chancela da Academia Maranhense de Letras. São Luís, junho de 2015".

Feitos os esclarecimentos, tentaremos aclarar como e por que os sermões do Jesuíta têm tanta influência na literatura de Joaquim Itapary. Padre Antônio Vieira (1608-1697) nasceu em Lisboa, filho de funcionário da Coroa portuguesa. Tinha 7 anos quando o pai foi nomeado Escrivão em Salvador, Brasil. Fez os primeiros estudos no Colégio dos Jesuítas e aos 15 anos já era Noviço na Companhia de Jesus – Ordem de caráter religioso fundada em 1534 por estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola.

De pronto está clara a paixão do cronista sobre a vida e obra de seu colega seiscentista, principalmente durante o período em que Antônio Vieira foi destacado para trabalhar no Maranhão. Foi uma atuação ímpar: entre 1653 e 1661, incluindo idas e vindas à Corte, Vieira realizou não só o trabalho missionário entre colonos, gentios, índios pacíficos e antropófagos, como também se imiscuiu no estudo de bichos, dragões e insetos "demoníacos", que carregavam todo tipo de perigo, transmitindo doenças raras e bizarras – com o objetivo de ensinar as gentes como prevenir e cuidar males até então desconhecidos.

O religioso, cronista e orador, pertence ao chamado Barroco Literário Português. Vive sem luxo dedicado ao trabalho, à conversão e defesa do gentio, à pregação da moralidade nas missas votivas. Por isso os sermões seguem rigorosamente tal ideologia: cuida dos pobres, critica a má política, repreende os pecados da sociedade, defende a liberdade aos nativos, o dia de descanso aos escravos, tudo com base rigorosa em preceitos religiosos.

O quê da intensa pregação, da profícua atuação em prol da Companhia de Jesus, da erudição religiosa pregada em linguagem popular, da qualidade literária dos Sermões, do respeito às tradições, à não-escravização dos índios, da intervenção vigorosa para impor um mísero dia de descanso ao trabalho insano dos escravos, da crítica social aos pecadores, da pena de morte que impunha aos desobedientes do alto do púlpito em pleno domingo – o quê de mais importante grudou o cronista do Século 17 ao cronista do Século 21?

Provavelmente tudo isso e mais o que aqui não consta, porque, mesmo após o expurgo na citada coletânea constam inúmeras citações dos Sermões e Cartas do Padre Antônio Vieira, tratado por Joaquim Itapary ademais de conterrâneo, também como como colega de profissão, ou seja, cronista.

Vejamos:

"Aparentemente contraditórias, há duas coisas que gosto de fazer. Uma é ouvir o povo no Mercado Central. Velho hábito da juventude. Tenho lá conhecidos amantes da boa prosa. Outra é ler. Habito próximo demais da compulsão. Domingo, cedo, terminada a leitura do "Sermão da 1' Sexta-Feira da Quaresma, 1664", no qual Vieira disserta sobre o ódio, fui ao Mercado. Há relativa fartura de comidas, de bebidas e de conversas. No Box de Carioca, inteligente e correto vendedor de aves tratadas ao ponto de panela, a saudação tem sempre o tom de piada, gracejo, chiste ou pilhéria. (Breve súmula do pavão)

"A fábula do primoroso livro de Arlete Nogueira da Cruz Machado, além de favorecer-me tão gratas recordações, também me reconduz aos tempos de menino às margens do rio Pindaré e do Tocoíra e me mantém enleado nos cipós e nos espinhais do Igarapé da Pomba do Ar, na Mata da Quadra, à beira da Enseada das Colhereiras emplumadas de carmim. Vieira, em um dos sermões do Rosário, fala de um rio do Paraíso que nascia no lugar das delícias e se dividia como em cruz. Com a sua fábula, Arlete nos lembra de que dentro de cada um de nós nasce um rio que flui e escoa por via das cruzes que a vida nos impõe". (Vida no livro de Arlete)

“Mas, o que as profecias anunciam? Antônio Vieira, jesuíta sério e respeitável, pio e temente a Deus, ao longo da vida foi político, missionário e profeta. Nesta condição, aderiu e propagou as ideias escatológicas do visionário sapateiro português Antônio Bandarra, que previam o surgimento, em Portugal, do Quinto Império de Cristo. Por isso, acusado de blasfêmia, foi réu da Inquisição. Absolvido, morreu velho, na Bahia, sem abandonar as ideias messiânicas das quais viveu imbuído.

“Lia os céus e interpretava as antigas profecias; formulava novas. Estudava sinais emitidos pelos astros e cometas e sua influência sobre a terra e os seres. Os desígnios divinos se manifestariam através deles. Nações de reis e vassalos ímpios sofreriam castigos profetizados desde os tempos mais remotos: pragas, enchentes, terremotos, ondas destruidoras (como os tsunamis) e outras calamidades. E isso seria mais terrível e certo onde e quando o homem se omitisse dos deveres cristãos e descurasse da propagação do evangelho. Para ele, o político e suas ações também devem submissão à religião.

“Cheio de entrelinhas retóricas, entremeado de intricadas metáforas em construções enrodilhadas como cabeleiras de anjos barrocos, os textos de Vieira advertem-nos de que as profecias deixam de ser entendidas com clareza pela nossa teimosia em estudá-las por entre nuvens, com o véu nos olhos. Insistia em que a compreensão dos vaticínios necessitava de uma revelação aos olhos - Revela óculos meos - o que somente ocorreria quando os homens lograssem a libertação das paixões, dos ódios, deixando a luz do céu alumiar o seu espírito, livres de todos os sentimentos humanos menores. Quer dizer, todo aquele ainda não liberto desses sentimentos mesquinhos, não cristãos, jamais entenderá as profecias.

“Pois bem, sabemos que em nossos dias o homem esmorece no culto de Deus e, desidioso ou relaxado, abandona, descumpre os deveres cristãos. Faz do evangelho tabula rasa. Valendo-se da geomancia e do profundo conhecimento dos textos sagrados, especialmente dos profetas bíblicos e dos persas, o Padre Vieira profetiza as cenas vistas agora em nosso litoral: A Baía de São Marcos coalhada de enormes navios vindos de longe, levando nossas terras sob a forma de minérios, e o mar tragando

a Ilha de São Luís, como castigo pela nossa impiedade e insubmissão a Cristo.

*"Na obra História do futuro, ele prevê que as terras do Maranhão serão senhoreadas e afogadas das águas. E anuncia este oráculo pela boca do Profeta Isaías: São estes homens [do Maranhão] uma gente a quem as águas lhe roubam a sua terra (**cujos, dirípuerunt flumína terram ejus**), vendo-se por toda parte destroços e roubos que as águas fazem das terras.*

"Ora, marinheiros, geólogos e oceanógrafos constatam que, depois que os navios de minérios vieram para o Itaqui, os canais naturais do mar foram obstruídos; o revoltoso Boqueirão se converteu num plácido igarapé, o antigo ancoradouro da cidade secou e as marés subiram até as ribanceiras da costa, esboroando tudo.

"Pior é que essa constatação científica encontra escora nas proféticas palavras de Vieira; citando o persa Malavenda na obra "De Antichristi": ***Ai da terra, àquela vêm os estrangeiros em navios de terras longínquas e estendem suas velas como num voo de águia. E continua lembrando proclamação de Isaías: Ide, anjos velozes, [socorrei] a uma gente que está esperando e é pisada e a quem as águas arrebatam as terras.*** (O fim de São Luís está escrito)

"Quando escreveu sua História do Futuro, Antônio Vieira a intitulou também História Verdadeira, porque, segundo ele, fundada em quatro certezas: na certeza da fé, na certeza teológica, na certeza moral e na certeza provável. Aquela História seria verdadeira por expressar predições das profecias canônicas e por esclarecer ou revelar verdades sagradas contidas nas Escrituras. Diz ele, então, sobre as outras histórias humanas, àquelas referentes a fatos passados, o seguinte:

(...) assim, nas antigas como nas modernas, todas elas estão cheias, não só de cousas incertas e improváveis, mas alheias e encontradas [opostas] com a verdade, e conhecidamente supostas e falsas, ou por culpa dos mesmos historiadores.

Segundo Vieira, mesmo Tácito, historiador grego célebre por seus Anaes, teria ocorrido em inverdades porque só tinha perto a ambição de seu próprio juízo, com que formava os processos para as sentenças e não as sentenças sobre os processos. Por isso Tertuliano lhe chamou com razão ***mendaciorum loquacissimum*** *[o mais loquaz dos mentirosos]. Arremata o jesuíta:*

Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que só um possa dizer a verdade e certo que nenhum diz". (Saco cheio de historinhas)

"*A propósito dos originais habitantes do lugar, o Pe. Vieira escreveria que no Maranhão "as gentes andam por ruas, travessas e praças de água... mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo que não seja com o remo na mão." Depois viriam os navios a vapor, encouraçados de ferro com máquinas possantes vencendo as rudezas da natureza. Segundo interpretação do mesmo jesuíta, profecias de Isaías diriam que os ventos e as águas constituem elementos fundamentais na vida dos Maranhões, estes concebidos e criados por Deus como espécie diferenciada e evoluída de criaturas marinhas, povos de uma terra incógnita situada na Linha no lado oposto da Etiópia*". (O Maranhão é do mar)

"*Nos antigos livros de cronistas que primeiro descreveram os costumes e usos dos índios brasileiros há referências ao uso de redes nas aldeias, seja para dormir ou em cerimônias funerais. Do mesmo modo, elas são tidas por espécie de palanquins da Índia, em que se transportavam pessoas, conforme as comparou o padre Antônio Vieira. Este jesuíta, em carta escrita ao Provincial do Brasil, em 1654, descreve como se davam as missões dos companheiros palacianos às aldeias da Ilha de São Luís.*

Depois de relatar as grandes dificuldades e os empecilhos à locomoção dentro da floresta cerrada e quente, onde os ventos não penetravam de tão densos que eram os matos, escreveu o grande missionário: ***Até às***

nove horas, por serem os caminhos mal abertos e os orvalhos extraordinariamente grossos, não se pode caminhar senão molhados até ao joelho.... É verdade que os índios nos oferecem redes ao uso da terra, e muitas vezes as levam atrás de nós, e nos fazem força para que nos assentemos nelas. (Um erro e sua explicação)

"*Também, puxa vida, homem algum é como aqueles tralhotos das águas maranhenses descritos vivamente pelo padre Vieira no Sermão dos Peixes, muito falado e pouco lido:* ***Deus deu àqueles peixinhos quatro olhos como para exemplificar aos homens como eles deveriam viver permanentemente precavidos: dois olhos sempre voltados diretamente para cima, atentos ao que vem do Céu, inclusive sob a forma de parafusos; e dois olhos olhando diretamente sempre para baixo, lembrando que há Inferno****, seja sob a forma de tsunamis nos mares orientais ou de crises de caráter e de moralidade, no Brasil*". (A cada um como Deus quis)

"*Em outubro de 1991, quando da visita de João Paulo II ao Maranhão, o Governo do Estado publicou, em bela edição, oito Sermões proferidos pelo Padre Antônio Vieira durante os anos em que ele aqui esteve na condição de missionário jesuíta. Cuja edição, é claro, não pretendeu enfeixar todos os sermões ditos aqui ou que ao Maranhão se refiram. (...)*

Os sermões foram publicados de modo aleatório, e sem obediência à ordem cronológica da produção dos textos. Veja-se, por exemplo, que o livro é aberto com o Sermão de São Pedro Nolasco (1654), provavelmente o 16º pronunciado no Maranhão, antecedendo, assim, no livro, a sermões aqui pregados em 1653, como os de Santo Antônio (na ***Domínga Infra octavam de Corpus Chrísti****) e o da* ***Primeira Dominga da Quaresma****.*

Aliás, este último, por todos os títulos, o mais relevante para a história da colonização e da evangelização do Norte do Brasil, porque nele, em defesa dos indígenas desta parte do Brasil, Vieira introduz - tardiamente embora - o conceito de guerra justa, formulado e adotado um século

antes, pelo dominicano espanhol Bartolomé de Las Casas, no Caribe e na América Central.

No célebre Sermão (dos Peixes) de Santo Antônio, pregado, em São Luís, a 13 de junho de 1654, mesmo com pouco tempo no Maranhão, Vieira diz: ***Muitas vezes vos tenho pregado nesta Igreja [então é mais provável que se referisse à Igreja e Colégio da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora da Luz, e não à Igreja de Santo Antônio, como há suposições], e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite...*** (Vieira e o Maranhão)

"Aliás, diz-nos o sempre lembrado Vieira no Sermão dos Bons Anos, que: ***Os bons anos não os dá quem os deseja, ·senão quem os segura.*** **E acrescentou:** ***Por duas razões se persuadem mal os homens a crer em alguma coisa - ou por muito dificultosas ou por muito desejadas; o desejo e a dificuldade fazem as coisas pouco críveis.*** (É fácil sair por aí)

"A propósito, os aficionados na leitura do Pe. Vieira sabem haver ele escrito ao marquês de Gouveia em carta de 1664: ***Eu, como tantas vezes naufragante, sei quão mal se cumprem em terra os votos feitos na tempestade.*** *Evidente, Vieira conheceu essa verdade antes de nós. Mas hoje todo mundo tem consciência dela, especialmente por causa da sua disseminação pelos meios de comunicação de massa".* (De quem me avassala)

"Na pequena livraria do foyer da Biblioteca Nacional, por exemplo, em meio a livros de arte, reproduções de gravuras antigas e a joias da discografia nacional, é possível adquirir-se o alentado livro do estudioso e erudito holandês José van den Besselaar, editado pela UFRJ, até recentemente inédito, sobre a carta do padre Antônio Vieira ao Bispo do Japão, na qual o grande jesuíta abraça, adota e comenta as polêmicas profecias do Bandarra sobre a ressurreição de um rei de Portugal. Vieira identifica nos versos do sapateiro o Rei Dom João IV, de quem foi

pregador e confessor. Outros ali encontram no "Encoberto" o Rei Dom Sebastião, cedo e tragicamente desaparecido no fragor da histórica batalha de Alcácer-Quibir, nos desertos marroquinos. Essa carta teria sido o estopim acendido pelos adversários de Vieira, inclusive alguns confrades da sua companhia religiosa (Companhia de Jesus), para levá-lo ao cárcere e aos constrangimentos no Tribunal da Inquisição". (De verão, artes e morenas)

A Evocação como tema

As evocações estão em toda parte, basta folhear o livro para encontrar aqui e ali o passado quase sempre alegre e pitoresco, raro em tom de réquiem. Na crônica "Só indo lá": "***O convite para uma viagem a São Bento foi suficiente para lembrança de suas redes incomparáveis. Obviamente, nessa lembrança elas não vieram sozinhas, mas acolitadas de cheiros, sabores e visões que sempre percorrem juntos os tempos de nossa vida, mãos ocupadas com maços de vassourinha, alimpando os empoeirados caminhos da memória***".

E assim segue em todo o volume.

Na citada reunião de crônicas saídas em jornal e publicadas sob a égide da AML e FAPEMA com o título "Armário de Palavras", a evocação tem primazia temática, mesmo estando a serviço de outros assuntos ou, mais belamente, emoldurando retratos da memória, de pessoas, de lugares, de fatos. Por menos pitorescos que pareçam ser, os temas ganham moldura de luxo, sempre ao estilo "uma história puxa outra".

À parte o fervoroso preito aos famosíssimos Sermões do missionário jesuíta Padre Antônio Vieira, aos festejos populares folclóricos e à crítica contundente a atos de administradores e políticos de má conduta, o chamado à lembrança ocupa importante espaço nos escritos do cronista de São Luís, cuja vida profissional de viagens e mudanças de lugar, deixou a alma em permanente exílio. Essa evocação é parte iniludível, senão de todas, da maioria das crônicas de Joaquim Itapary.

Com a prosa de memória em perene ebulição, o nascedouro e desague de muitas relembranças se dão no mesmo ponto: paradoxo que perpetua o círculo quase vicioso de mergulhar e vir à tona a todo momento, onde parto e enterro – ritual simbólico da cremação – fazem por ocupar semelhante posto, a mesma pia batismal, o mesmo altar. É essa evocação religiosa que merece destaque nas crônicas, se impõe como tema obrigatório, onde transita em ordem e desordem: o universo lúdico, fractal e belo.

O que poderia ser um relato piegas, a evocação do passado, morto e enterrado, ganha honrarias dignas do historiador do tempo: ergue-se ora como descomunal pirâmide, ora como misteriosa esfinge que esconde segredos indecifráveis, pois ali, debaixo da mesma paisagem, a recordação guarda o amor, o pecadilho, o sonho, o pesadelo. A dignidade com que a lembrança se reveste de evocação é o labirinto que Joaquim Itapary conseguiu elidir encontrando o perfeito traçado para ilustrar as crônicas com a arte de arquitetura simples e prática.

De escrita técnica impecável, Joaquim Itapary trata a evocação como foguete propulsor que lança sementes nascidas em passado remoto ao espaço sideral, não como promessa, mas realidade palpável, certeza de rebrotar, invólucro do não-esquecimento, cápsula que o tempo guarda na certeza renascer à vista de novíssimas visões. Quanta obra já se perdeu porque o autor não conseguiu decifrar esse labirinto, nem mesmo soube percorrê-lo, quando a obra exige a evocação digna, visita obrigatória às entranhas do passado.

"*Por força de sua prosa direta, enxuta e precisa, quase fotográfica, reencontro-me dentro de uma lancha em viagem de São Luís a Viana. Quando as férias chegavam, lá se ia toda a família em busca da restauração das energias na aprazível Fazenda Sumaúma. As malas de madeira com alças, reforços e adornos de metal, os baús cobertos com couro tacheado eram arrumados pelo pai. Somente ele encontrava naqueles rígidos espaços lugares adequados para a guarda dos objetos de formato e dimensões aparentemente incompatíveis. (...)*

Aí, sim, era como sair do Inferno e ganhar o Paraíso. A viagem se convertia em um passeio lindo, tranquilo, em clima ameno, Mearim acima, entre verdes ramadas da mata alta das margens, onde muitas

vezes, com o velho binóculo alemão do pai, nos distraiamos acompanhando bandos de animais silvestres hoje quase extintos. Perto do meio-dia, enormes jacarés, sonolentos, se expunham nas barrancas. Numa volta ou outra uma réstia de campo abeirava o rio mostrando uma casa, currais, reses e vaqueiros. Assim a quilha da lancha fendia a lâmina d'água e, serena, impávida, seguia absoluta senhora do rio. Pouco depois da "Cachoeira", vencida a curva do "Remanso", o barco aportava no Barro Vermelho". (A senhora do rio)

"*Uma das boas recordações que tive nesse dia primeiro que passou foi a dos navios fundeados em frente ao Palácio dos Leões. Menino ainda eu os contemplava da janela de nossa casa na Praça de Gonçalves Dias. Seguindo a lancha Tupy, da praticagem da barra, e orientados pelas boias eles entravam vagarosamente no porto soando o apito grave. Passavam no estreito canal quase roçando na amurada do Forte de Santo Antônio, lançavam âncoras no fundeadouro e permaneciam surtos, pacíficos e calmos, na mansidão das águas rasas. Ao pôr do sol a robusta silhueta dos navios era uma tarja escura inscrita no horizonte rubro*". (O Maranhão é do mar)

"*Aliás, para não deixar o assunto de lado assim sem mais nem menos, vale aqui mencionar que durante muito tempo - pelo menos até final dos anos 30 do século passado as redes eram usadas também como veículo de transporte. Na minha casa ouvi várias vezes contada urna viagem feita por meus pais entre São Bento e Viana, então um percurso de 25 léguas. Ele, a cavalo; e ela, grávida, em uma rede.*

Segundo o costume, a rede ia pendurada em longa taboca de bambu e transportada nos ombros por quatro homens, sendo dois à frente e dois atrás. Aqui e ali uma parada para descanso e água. Refeições e pernoites em casas de fazendeiros e compadres situadas ao longo do caminho. Esse uso das redes, muito comum em quase todo o interior maranhense, onde não havia estradas e os meios de transporte eram rudimentares, parece não ter sido introduzido aqui pelo europeu colonizador, que o teria encontrado como costume dos índios, no litoral e nos sertões.

Redes eram igualmente muito usadas a modo de féretro para o enterro de pessoas de menores posses e, muitas vezes, para a trasladação ee enfermos dos "centros" para a cidade, em busca de assistência médica ou dos experientes e competentes farmacêuticos. (Um erro e sua explicação)

"Ainda recendendo a andiroba e a oriza do banho de cuia, lá vinha Bernarda com luzidia pele de veludo, duas fartas e suculentas ameixas negras e mornas a despontar sob o morim da blusa, candeeiro à mão, levantar o mosquiteiro e fazer-nos deitar nas redes. Pirralho, coberto apenas de longa camisola de algodão, eu já nem tinha vergonha daquele pino que intumescia e teimava em mostrar-se fazendo volume na roupa, logo abaixo do umbigo, estimulado pelo mais débil calor daqueles macios seios e pelo suave roçar dos sedosos braços.

Ah! Bernarda era diferente das negras dos romances de Josué Montello, sempre peitudas, bundas moles e descomunais, cinturas e canelas finas, opostas aos enormes braços gordos, beiços distendidos, suarentas, pesadas e possantes, como disformes paquidermes de saia. Bernarda, não! Bernarda era uma deusa etíope, fina, porte elegante, rosto, colo, pernas e demais partes absolutamente contidas em proporções esteticamente harmoniosas.

Duas contas negras boiando no leite dos olhos, chispas ardentes de diamantes negros, incendiavam as tardes sob as mangueiras e cajueiros do quintal. O andar ereto, ágil, leve, discretamente ritmado em suaves e malevolentes ondulações, tornava as tarefas de casa mais parecidas a delicado bailado de ninfas maliciosamente picantes. Devo a Bernarda - essa danada retinta - a minha eterna admiração pela raça". (De quem me avassala)

"Não há quem deixe o Rio sem saudades. Principalmente quando se sai daquela cidade mágica no instante em que os primeiros ventos do verão insuflam nas pessoas o bom estado de humor característico dos cariocas. E quando, no entremeio do caloroso afago da brisa do Norte, chuvisca

uma aguinha fria, doada como líquido maná pelos céus de ares gélidos oriundos da Antártida, trazendo consigo sabores portenhos e o doce cheiro amadeirado das vinhas dos altos terraços de Mendoza, território onde a variedade Malbec reina soberana". (De verão, artes e morenas)

As crônicas que sugeriram este trabalho
(Em ordem cronológica)

DE QUEM ME AVASSALA

Padre Vieira,
Marquês de Gouveia,
Naomi Campbell,
Gisele Bundchen

As eleições estão aí e parece mesmo que a maioria do povo é que não está nem aí pra elas. A impressão que dá é a de que todo mundo está de saco cheio das presepadas da grande quantidade de candidatos renitentes em fazer piruetas morais de todo jeito, pensando que ainda engolobam alguém.

A propósito, os aficionados na leitura do Pe. Vieira sabem haver ele escrito ao marquês de Gouveia em carta de 1664: Eu, como tantas vezes naufragante, sei quão mal se cumprem em terra os votos feitos na tempestade. Evidente, Vieira conheceu essa verdade antes de nós. Mas hoje todo mundo tem consciência dela, especialmente por causa da sua disseminação pelos meios de comunicação de massa.

Portanto, promessa de candidato em plena tempestade eleitoral é feita adrede para ninguém duvidar de que será fidedignamente descumprida e desonrada. Então, talvez seja por isso que muita gente prefere sair de fininho e deixar essa trupe pensando que o povo é mais idiota do que tais candidatos verdadeiramente o são.

Mas isso não será assim para sempre, porque um dia...

É que no motor da História não existe a marcha-a-ré. A História não desanda. E adiante sempre haverá um dia do povo. Ou melhor, o dia da caça chegará, inexoravelmente. Parece até que esse dia está chegando mais célere do que muita gente pensava. Essa perspectiva certamente deve deixar em desassossego quem, até ontem, andava de bacamarte e cão perdigueiro na campina da política nacional.

Mas deixemos essa chatice pra lá, o que interessa mesmo é que hoje, por esses mistérios da vida, não consigo me esquecer de Bernarda. Negra bonita (bonita uma ova: belíssima!) era aquela, mandada para a casa de meus pais por todos os bons demônios da infernal corte de Lúcifer - o mulherengo-, e que nos botava para dormir toda noite.

Ainda recendendo a andiroba e a oriza do banho de cuia, lá vinha Bernarda com luzidia pele de veludo, duas fartas e suculentas ameixas negras e mornas a despontar sob o morim da blusa, candeeiro à mão, levantar o mosquiteiro e fazer-nos deitar nas redes. Pirralho, coberto apenas de longa camisola de algodão, eu já nem tinha vergonha daquele pino que intumescia e teimava em mostrar-se fazendo volume na roupa, logo abaixo do umbigo, estimulado pelo mais débil calor daqueles macios seios e pelo suave roçar dos sedosos braços.

Ah! Bernarda era diferente das negras dos romances de Josué Montello, sempre peitudas, bundas moles e descomunais, cinturas e canelas finas, opostas aos enormes braços gordos, beiços distendidos, suarentas, pesadas e possantes, como disformes paquidermes de saia. Bernarda, não! Bernarda era uma deusa etíope, fina, porte elegante, rosto, colo, pernas e demais partes absolutamente contidas em proporções esteticamente harmoniosas.

Duas contas negras boiando no leite dos olhos, chispas ardentes de diamantes negros, incendiavam as tardes sob as mangueiras e cajueiros do quintal. O andar ereto, ágil, leve, discretamente ritmado em suaves e malevolentes ondulações, tornava as tarefas de casa mais parecidas a delicado bailado de ninfas maliciosamente picantes. Devo a Bernarda - essa danada retinta - a minha eterna admiração pela raça.

Hoje mal me contenho diante de uma preta bonita e não escondo essa preferência em lugar ou circunstância qualquer. Por isso é que sou

mais a Naomi Campbell, com aquele jeito de Calipso capaz de entreter durante anos de rejuvenescedores folguedos sexuais qualquer herói homérico, do que a alvacenta Giselle Bundchen.

Mas é somente agora que a gente pode apreciar melhor e sem nenhum resguardo a beleza da mulher negra e por ela declarar simpatia, paixão, desejo, cobiça, porque no começo deste Brasil maluco um desses reis de Portugal cometeu, com os branquelos que neste paraíso viviam em meio a mais de um milhão de fêmeas africanas de todo tipo, a suprema e perversa sacanagem de baixar, em 1696, Alvará proibindo às escravas o uso de vestidos de seda, de cambraia [pano fino transparente] ou *holandas* [tecido delicado e leve], *com rendas ou sem elas, nem também de guarnição de ouro ou de prata nos vestidos*.

E eu que ainda penso ser possível viver alguns dias e noites enfiado numa tapuirana macia com Bernarda - minha Calipso ideal – a modo de Odisseu, com toda sua luxuriante e imaculada beleza contrastando sob a esgazeada redoma da camisola de cambraia ou de holandas, lavada no Poço dos Treze em água perfumada de oriza macerada, finas argolas de ouro cingindo os tornozelos, não haveria de matar a bofetões rei tão ignorante e desentendido de mulher? (29/09/2002)

DE VERÃO, ARTE E MORENAS

Titiro, Melibeu, José van den Besselaar,
Padre Antônio Vieira, José Saramago, Peter Singer

Não há quem deixe o Rio sem saudades. Principalmente quando se sai daquela cidade mágica no instante em que os primeiros ventos do verão insuflam nas pessoas o bom estado de humor característico dos cariocas. E quando, no entremeio do caloroso afago da brisa do Norte, chuvisca uma aguinha fria doada como líquido maná pelos céus de ares gélidos, oriundos da Antártida, trazendo consigo sabores portenhos e o doce cheiro amadeirado das vinhas dos altos terraços de Mendoza, território onde a variedade *Malbec* reina soberana.

Sobre o asfalto quente, tênue nuvem de vapor emana da garoa fazendo parecer miragem o esbelto corpo das aveludadas meninas do Leblon, a passear seus voluptuosos odores. Clima assim instiga inatas

inclinações para a frequência dos centros de arte e cultura - teatros, museus, cinematecas, livrarias, parques naturais - e naturalmente orienta aos de santos instintos dionisíacos para os pontos da mais bem-aventurada boêmia. Especialmente na orla da Guanabara ainda hoje o mais belo cenário da terra, precisamente aquele originalmente designado por Deus para a vivência da sagrada aventura amorosa do par andrógeno.

Nesse ambiente cultural de rara beleza natural, invejável por qualquer heleno ou romano da antiguidade clássica, seguramente mais agradável do que os bucólicos campos onde Titiro e Melibeu tangiam flautas, o nosso espírito também se compraz no percurso das livrarias e sebos, onde nos é possível sentir toda a força da criação intelectual do país e do exterior.

Na pequena livraria do foyer da Biblioteca Nacional, por exemplo, em meio a livros de arte, reproduções de gravuras antigas e a joias da discografia nacional, é possível adquirir-se o alentado livro do estudioso e erudito holandês José van den Besselaar, editado pela UFRJ, até recentemente inédito, sobre a carta do padre Antônio Vieira ao Bispo do Japão, na qual o grande jesuíta abraça, adota e comenta as polêmicas profecias do Bandarra sobre a ressurreição de um rei de Portugal.

Vieira identifica nos versos do sapateiro o Rei Dom João IV, de quem foi pregador e confessor. Outros ali encontram no "Encoberto" o Rei Dom Sebastião, cedo e tragicamente desaparecido no fragor da histórica batalha de Alcácer-Quibir, nos desertos marroquinos. Essa carta teria sido o estopim acendido pelos adversários de Vieira, inclusive alguns confrades da sua companhia religiosa (Companhia de Jesus), para levá-lo ao cárcere e aos constrangimentos no Tribunal da Inquisição.

Da "Livraria Argumento", acolhedor ambiente do refinado bairro do Leblon, com o concorrido salão do Café Severino aos fundos, onde também é possível degustar o chá das cinco, um malte puro escocês ou um refrescante chardonay dos Andes chilenos, a ninguém é possível sair sem carregar junto ao peito, com respeito e carinho, *O homem duplicado*, último romance do Prêmio Nobel, José Saramago.

Também é impossível deixar-se nas prateleiras da livraria o volume encapado em negro de "Vida Ética", do australiano Peter Singer, o mais polêmico filósofo da atualidade, obra na qual esse instigante catedrático de Bioética da Universidade de Princeton aborda, em textos seletos, assuntos da maior atualidade e dos tempos por vir, como o estatuto moral dos animais não humanos, a responsabilidade com o meio ambiente, o aborto, o infanticídio, a eutanásia e a suprema escolha de viver uma vida ética.

Um pouco mais à frente, no Teatro Leblon, na rua Conde de Bernadotte, somos levados ao clímax do gozo estético pela magistral representação de Andrea Beltrão na peça "A prova", sem favor algum, ovacionada com aplausos pela plateia em pé.

Mas nos intervalos desses instantes de prazer intelectual também é impossível deixar de descontrair o espírito ao sabor de um chope gelado num bar de esquina da Ataulfo de Paiva ou no trago de um oloroso cálice de Madeira, deixando que se impregne pelas narinas até a recôndita sede de todos os nossos sentidos, o moreno odor de amêndoa doce a evolar-se dos sedosos cabelos das meninas do Baixo Leblon, em seu andar de equilibristas sem arame. Que nem só de arte vive o homem, poxa! (24/11/2002)

É FÁCIL SAIR POR AÍ,

risonho e lesto, dizendo a todo mundo: Boas Festas, Feliz Ano Novo!

Padre Antônio Vieira

Não sendo preciso nem mesmo estar por perto o agraciado com esses votos. Até para quem esteja distante é muito simples desejarmos que o Natal seja alegre e o novo ano venha cheio de felicidades, traga riqueza e muita saúde para desfrutá-la. Basta comprar um cartão, um aerograma, redigir um e-mail, enviá-los pelos correios ou pela internet, que a obrigação social estará cumprida como mandam os bons modos e a poderosa indústria da propaganda não nos deixa esquecer.

Principalmente hoje que qualquer um pode recorrer a esses ridículos telefones móveis, exibidos sempre à mão. No entanto, ainda que sejamos sinceros ao desejar tudo de bom para nossos semelhantes,

haverá coisa mais difícil de crer do que na possibilidade da alegria e da felicidade neste mundo tão cheio de problemas sociais e de dificuldades econômicas?

A propósito Cristo disse a seus discípulos que a sua vinda ao mundo não teria sido para trazer ou dar a ninguém o gozo da paz ou da felicidade aqui. Afirmou o contrário: a sua missão seria a de salvar-nos das misérias a que fomos condenados pelo pecado. E desenganou tantos quantos pensassem o oposto: Meu reino não é deste mundo.

Aliás, diz-nos o sempre lembrado Vieira no Sermão dos Bons Anos, que: *Os bons anos não os dá quem os deseja, ·senão quem os segura*.

E acrescentou: *Por duas razões se persuadem mal os homens a crer em alguma coisa - ou por muito dificultosas ou por muito desejadas; o desejo e a dificuldade fazem as coisas pouco críveis*.

Por isso não residiria, em nenhum de nós, poder algum para desejar paz ou bons anos aos homens. A paz, desejo universal desde os tempos imemoriais acalentado nos corações, se tem mostrado de tão difícil obtenção que chegou ao ponto de se converter em incrível possibilidade, talvez a mais ilusória de quantas utopias já tenhamos cogitado.

No dia, véspera de Natal, agência de notícias pela internet pôs em minha casa uma fotografia mais do que cínica, porque verdadeiramente insultuosa aos valores culturais de grande parte dos homens: entre uma tropa de guapos soldados estadunidenses acantonados no Kuwait, fardados de caqui, sentados no chão, rifles da morte covarde sobre as pernas, em evidente estado de alerta e prontidão ao extermínio do povo iraquiano, destaca-se a rotunda figura de um Papa i Noel no seu traje escarlate universalmente conhecido, a levar àqueles jovens e infelizes soldados os votos de boas Festas e feliz Ano Novo do presidente e do povo americano.

Na página seguinte do mesmo noticiário, o secretário de Defesa dos EUA desafia e enfrenta a ameaça de retaliação norte-coreana à inflexibilidade do governo americano na questão do desenvolvimento de armas nucleares! Cujo secretário afirma que a sua nação detém

poder bé1ico suficiente e está pronta para usá-lo na liquidação simultânea, em duas frentes distintas, tanto da Coreia quanto do Iraque.

A impressão que dica é que os belicosos norte-americanos com a ostensiva presença de Papai Noel na linha de um sangrento front iminente, que já se dilata na mesopotâmia iraquiana para a península coreana, estão efetivamente empenhados na confirmação do antigo brocardo que nos assevera ser o dia dos bens véspera dos males e que para merecermos uma grande desgraça, inclusive a de duas guerras simultâneas, basta ouvirmos votos de um ano novo ditoso, de paz e alegrias.

Apesar de tudo isso, enquanto a melódica suavidade dos cantos corais e dos sinos, o alegre piscar das luzinhas coloridas e o cheiro do almíscar que no ar evola mantiverem sugestionado o nosso espírito, esforcemo-nos para que a sociedade unida exija do Estado a tutela dos mais fracos e a realização da equidade e da justiça sociais, condições básicas para que ainda possamos vislumbrar, por entre as barbas brancas de Papai Noel e por sobre o mar de baionetas que inunda os desertos, uma réstia de paz para os filhos de Deus. (25/12/2002)

A MÁQUINA DO TEMPO

Ana Lúcia, Mauro Fecury, Ronsard

Faz catorze anos que Ana Lúcia e Mauro Fecury reúnem seus familiares para receber com delicadeza e simpatia aqueles que se fizeram amigos desde o final dos anos 50; mais precisamente, há quarenta e seis anos. Quase meio século! Quanto tempo! No sábado passado, a manivela da máquina do tempo foi novamente acionada: mais de uma centena de amigos de juventude e mocidade estiveram reunidos. Olhos fixos em bela revista com velhas fotografias daqueles tempos, víamos nosso passado, coletivo e individual, com olhos embaçados por espessa névoa do tempo.

Então, estávamos claramente assaltados pela dúvida: afinal, o tempo passou mesmo por nós ou fomos nós que, realizando nossos

projetos de vida, nos transportamos para este futuro, que é o presente de hoje? Desde o Século 16 o poeta Ronsard nos adverte em seus versos que ... *le temes non, mais nous nou sallon...* por isso, apesar da manhã ensolarada, com uma forte luz amarela a destacar as plantas e o contorno das poucas nuvens contra o céu azul, a maioria de nós exibia um certo ar de tristeza ao rever, fixadas no papel fotográfico, cenas dos nossos jogos, no Campo do Moto, no Jaguarema, no Liceu, no Colégio de São Luiz ou no Maristas.

O poeta tem razão, nós é que passamos. Nas mesas ao lado da minha um grupo tentava reconhecer pessoas em fotos com imagens desmaiadas pelo tempo. Mas ao final de algum esforço, sendo a memória mais forte e superior que os efeitos do tempo sobre a matéria, diziam:

- O da ponta é José Terceiro; esta, de fita, é Terezinha.

A memória mantém-nos permanentemente atados ao passado. Por causa dela, queiramos ou não, tudo o que fizemos e o que fomos permanece em nós. O tempo não passa, repito Ronsard. Como esquecer as declarações de amor, os jogos de sedução nos bondes à saída das aulas ou nas vesperais dos cinemas? Como deslembrar a conversa nas mesas de sorvetes do Bar do Hotel Central, no passeio aos domingos em grandes grupos alegres pelas alamedas do Largo do Palácio?

Mesmo os de memória menos aguda e apurada não podiam esquecer o clima das Tertúlias do Grêmio Lítero Recreativo Português, porque, mais que boas fotografias, a música tem o condão mágico de espicaçar nossos sentimentos e reativar a memória. E uma banda de excelente nível musical estava ali mesmo reproduzindo as músicas em voga naqueles anos, qual fabulosa "Máquina do Tempo". As melodias e as letras de As Cerejeiras em Flor, Oh, Carol!, Estúpido Cupido e Banho de Lua afastaram qualquer dúvida: apesar de estarmos todos mais idosos, essencialmente ainda somos os mesmos.

A maturidade, atributo que conquistamos enquanto nos transportamos no tempo, é só o que nos distingue dos jovens de 58. Afinal, como disse Machado de Assis, o tempo só enterra aqueles

que o matam. E essa geração, que se mantém unida por um espontâneo sentimento de companheirismo, jamais matou o tempo. Ao contrário, todos nos mantivemos utilmente integrados à sociedade local. Nos mais diversos setores das atividades humanas, prestamos nosso concurso e o contributo para o desenvolvimento do nosso Estado, para o bem do seu povo.

Enquanto duram os jogos prazerosamente promovidos por Ana Lúcia e Mauro, todo ano é possível contar-se com a presença de cidadãos plenamente realizados em seus deveres e propósitos, satisfeitos com os resultados da aplicação de seus talentos, pais e mães de famílias felizes com seus filhos, netos e, até, bisnetos. Sem dúvida, Mauro e Lúcia (com quem ficamos todos muito obrigados) têm a perfeita noção do bem que fazem ao manterem a tradição desse encontro facilitador da convivência de tantos velhos colegas, companheiros e amigos, em afetuoso clima de descontração e fraternidade.

Mas é justo fixar aqui, para a memória da cidade, iniciativa de tão grande significado humano. Enfim, pelos menos de ano em ano, há um momento mágico durante o qual os maranhenses se encontram consigo mesmos, com gente da gente. (16/12/2004)

A CADA UM COMO DEUS QUIS

Aldeni Moraes, Padre Antônio Vieira

Estamos no Dia dos Santos Reis. Começou, de fato, mais um novo ano. Como sempre ocorre, mal para muitos e bem para tantos. Principal mente, mal para aqueles irmãos vitimados pelo cataclismo do arrasador maremoto ocorrido mais ou menos no cruzamento do meridiano de 90° com a linha do Equador, abaixo da boca do Golfo de Bengala, criando um dantesco quadro infernal de morte, dor, desabrigo, fome, angústias e tormentos inenarráveis no qual figuram vítimas até agora inumeráveis de filhos de Deus. Graças ao milagre da internete vi cenas desse descomunal fenômeno tão imediatamente que pareciam dar-se em tempo real.

Com evidente propósito de reduzir o trauma dos internautas imobilizados de espanto e horror diante de força tão cruelmente devastadora, o programa transmitia quadro arrolando datas ao longo da História em que cataclismos semelhantes se deram em diversos países. Começava a lista com um terremoto na cidade de Aleppo, na Síria, no ano de 1138, quando teriam morrido 230 mil pessoas; a seguir, vinha o terremoto de Shaansi, na China, em 1556, com 830 mil mortos e desaparecidos; e destacava como o mais trágico de todos a inundação ocorrida na China, em 1887, quando teriam falecido mais de um milhão de seres humanos.

Esses números adquirem proporções assombrosas se consideramos o fato de que tais desastres ocorreram antes do Século 20, quando os laços internacionais de solidariedade humana eram muito tênues e, na realidade, incipiente ou quase nenhuma a capacidade de mobilização para a prestação de assistência humanitária em escala global.

Para outros, que são felizmente a maioria dos homens – em nações geograficamente distantes dos antigos reinos do Ceilão, do Sião e da Ilha de Sumatra, escala dos grandes navegadores que no passado desvendaram os mistérios dos Mares da China - infensos a influências desastrosas daquele fenomenal desregramento tetônico, saudáveis, felizes em seus propósitos, na tranquilidade de seus lares ou em seguros ambientes de lazer, no congraçamento de familiares e amigos, foi boa e alvissareira a chegada de 2005. Boa saúde e estado de felicidade, comemorados com festa, alegria e abraços fraternos.

Mas, aqui em São Luís as festas de fim de ano não me pareceram tão brilhantes como as de anos recentes. Parece-me haver faltado aquela faísca mágica espontaneamente surgida do nada e que incendeia ânimos, apazigua e aproxima espíritos, ilumina consciências a indicar um estado coletivo e generalizado de felicidade humana que nos induz à solidariedade e à convivência. Talvez tenha sido por causa da profunda crise moral, administrativa e financeira que se abateu sobre a nossa terra, e que, já vai para mais de dois anos, castiga duramente os mais pobres e afugenta o capital.

Como bem observou e disse-me, no domingo passado, amiga Aldeni Moraes, com toda a sua sabedoria de sertaneja do Buriti Bravo:

não foi mais alegre a virada do ano por causa da grande e precisão do povo. Olhe, meu amigo, o nosso povo está cada dia mais pobre de tudo. E ninguém faz festa para no outro dia não ter o que botar na panela, ficar sem o de comer. O dinheirinho deste fim de ano não se encontra com o do ano passado. Por isso é que ano velho bom é véspera de ano novo vasqueíro.

Tirando aquelas terríveis visões infernais da tragédia no Índico, eu, por mim mesmo, vendo duas netas completarem seus 15 anos com saúde, vivacidade, bem-sucedidas nos estudos, não posso queixar-me da entrada de 2005. A não ser pelo seguinte: ao visitar uma obra, sofri pequeno acidente que me levou ao hospital. Fui atingido por um parafuso que se desprendeu da torre do elevador. Mas Deus, mais uma vez, estendeu a Sua poderosa mão sobre a minha cabeça. Salvo pela intercessão da Sua bondade, medicado, logo voltei para casa. Não pude compor a crônica para a quinta-feira passada, que de ferro é o parafuso...

Também, puxa vida, homem algum é como aqueles tralhotos das águas maranhenses descritos vivamente pelo padre Vieira no Sermão dos Peixes, muito falado e pouco lido: Deus deu àqueles peixinhos quatro olhos como para exemplificar aos homens como eles deveriam viver permanentemente precavidos: dois olhos sempre voltados diretamente para cima, atentos ao que vem do Céu, inclusive sob a forma de parafusos; e dois olhos olhando diretamente sempre para baixo, lembrando que há Inferno, seja sob a forma de tsunamis nos mares orientais ou de crises de caráter e de moralidade, no Brasil. (06/01/2005)

DE FRUTINHAS E BONS CHEIROS

Comandante Diegues, Basilio

Da minha pequena biblioteca sinto o cheiro acre do murici. Há uma fresca e grossa corrente de ventos que penetram pela janela da área de serviço, passam pelos recantos da cozinha e dela extraem e transportam os odores de temperos, ervas, alheiras, cebolas, frutas, camarões, enchovas, tainhas, toucinhos defumados e tudo o mais que compõe o íntimo mistério do reino encantado das cozinhas.

Graças a Deus nem todos esses cheiros permanecem no ambiente onde escrevo. Se eles logo não saíssem pela janela em busca do infinito para se dispersarem, vivamente apressados, como se escapados de longos tempos de prisão, e, em desvairado exercício de liberdade recém-conquistada, tentarem regressar a suas remotas e imemoriais origens nos mais diminutos átomos do universo, permanecer nesta saleta por algum tempo seria insuportável tormento tantálico.

Como aguentar por pouco mais de minuto esse estranho perfume do murici que me faz retroagir, em memória, olfato e visão ao tempo da despreocupada perambulação sobre as dunas das praias de São Luís? Agora mesmo ainda estou a colher saborosas pitangas, goiabas-araçás, araticuns, cajus, muricis e guajurus na orla das selvagens e imaculadas praias de São Luís.

Porventura, será suportável a longa permanência de ser humano qualquer, em ambiente fechado, juntamente com jenipapos, goiabas, cupuaçus, maracujás e outras frutas trescalantes de fragrâncias tão fortes? Lembro-me bem de que, quando menino, tomava o pequeno "Paulistinha" do comandante Diegues para viagens entre São Luís e a fazenda Sumaúma, quase na margem do prateado Lago de Viana.

Avião pequenino, comportando apenas o piloto e um passageiro com, no máximo, uma criança ao colo, a renovação do ar na cabine era precária. Por isso, antes de decolar da improvisada pista sobre o relvado natural situado à frente do grande sobrado da Sumaúma, Diegues vistoriava o interior do pequeno aparelho para dele mandar retirar de entre a bagagem qualquer fruta de cheiro forte. Mas essas frutinhas silvestres desapareceram de nossas praias.

Assim como o cauaçu, a maria-pretinha e o camapu. Delas quase que não se encontra um pé. Nem para remédios. Contudo, por incrível que pareça, outro dia, caminhando próximo à barreira da Ponta de São Marcos, deparei dois meninos que desciam pela encosta trazendo consigo sacolas cheias de guajurus carnudos. A cor violácea e a maciez da aveludada pele das drupas indicavam terem atingido perfeita maturação natural. Fiquei surpreso com o fato de remanescerem naquele lugar alguns arbustos dessa frutinha silvestre.

Suprido de meia dúzia delas, graças à generosidade das crianças, pus-me a degustá-las com calma e tranquilidade, sentado sobre uma pedra, como se me estivesse servindo de um confeito da secularmente célebre Confeitaria de Santo Ambrósio, de Milão. Guardados com cuidado, os caroços estão plantados lá no Olho-d'Água, em cofinhos de palha de pindoba, à sombra de muricizeiros do quintal de "seu" Basílio. Outro dia, este até me disse que de um desses caroços já brotaram duas folhinhas.

Conforme combinamos, assim que estiveram com o tamanho adequado, plantaremos as mudas na margem do Riacho da Pimenta. Esperamos iniciar, ainda que timidamente, o repovoamento daquele lugar com exemplares da sua antiga e extinta vegetação. Depois do guajuru, plantaremos murici, caju e goiaba e o que mais acharmos. Para o mesmo fim, plagiando conhecido militar, convoco: sigam-nos os que foram meninos felizes em São Luís... (21/04/2005)

PROSEANDO COM ZÉ CABURÉ

Zé Caburé

Quatro dias em São Bento, coração acarinhado pela gentileza de velhos amigos nascidos na região que ainda retém e representa, de modo mais fidedigno, o autêntico espírito maranhense, recompõe o ânimo de quem já andava certo de estar o Brasil irremediavelmente perdido dentro de malas e baús de corrupção e desonra. A episódica visita a Zé Caburé, já com seus oitenta anos de vida pobre e honrada, morando numa casinha branca, à sombra de espesso arvoredo, quase escondida por detrás da ermida de São Roque, em seguida à barragem do Alegre, é como que o achamento da ponta do fio do novelo da vida de seguidas gerações de são-bentuenses.

Dez, quinze minutos de prosa e lá se vai um poderoso trado perfurando profundamente a memória, abrindo claraboias e deixando entrar luz no mais íntimo repositório de lembranças. Então, repentinamente, ali estão os meninos da minha infância, todos, sem falta, com chapéus de carnaúba enfeitados de fitas coloridas, peitorais e aventais de veludo brilhantes de canutilhos e miçangas na brincadeira do Boi-de-São João.

Caburé era o organizador do folguedo. Ele se encarregava de tudo: do boizinho, das toadas, dos maracás, das fogueiras e do cumprimento do roteiro do auto. Tudo era com ele. Até os fogos, as carretilhas velozes com chispas prateadas varando o soturno profundo da noite pesada, os foguetes de taboca ganhando altura até espocarem em meio às estrelas penduradas sobre a cidade, os besouros de fogo, salientes e desavergonhados, sempre correndo atraídos por algo misterioso que os mantinha imiscuídos nas saias de algodão florido das meninas cheirosas.

Quando o boi morria Zé Caburé, entre as preocupações singelas e o perfeito cumprimento dos deveres de aldeão, não deixava de ir logo tratando do brinquedo para o ano seguinte. Era, *assim, um animador* cultural de quem a meninada da cidade não prescindia jamais, ano após ano, firme no desempenho desse papel da mais alta valia social.

Mas não são apenas dez ou quinze minutos assim sem mais nem menos, como esse tempinho eventualmente vagabundo passado entre barulhos, zoadas, ruídos e cheiros ruins de São Luís, ou de outras cidades grandes, com ventos e fumos quentes de motores, cheiros de sarjetas infectas, de pútridos caminhões-de-lixo. São minutos de prosa, à porta da pequena e histórica ermida de São Roque, à sombra de anosa figueira, recebendo no rosto o vento oriundo dos dilatados Campos de Peris, refrescado nas altas lanças do guarimã, com cheiro de jaçanãs e bosta de gado.

Ventos que trazem mugidos e aboios, odor de lenhas e barros das olarias, de carões, cascudos, bagrinhos e jejus. Não penso em outra coisa a não ser em voltar logo para sentar-me num tamborete à porta da casa de Zé Caburé, ou mesmo na calçadinha da pequena igreja, e ficar ali proseando, entre um café torrado na hora, uma fatia de queijo, uma colherada de arroz-de-toucinho, ouvindo histórias da vida da cidade, sorvendo em pequenos goles o espesso e generoso vinho da memória, repondo ordem no pensamento.

Aquele velho amigo hoje está com um olho só; contudo, a sua visão da vida é uma aula de sabedoria inigualável. Enxerga com nitidez o passado e olha com alta clarividência o futuro. Desta vez, foi pouco o tempo para tanta relembrança, para a audiência de sentenças,

conceitos e princípios nascidos da experiência de vida de um homem simples, puro, bom, como um sábio eremita de nosso tempo. Voltarei, se Deus quiser. Há lugar na boleia para mais quem queira ir para a Pasárgada maranhense e deixar de ser, ainda que por instantes, apenas um lúcido e solitário homem dolorido da cidade. (14/07/2005)

VIEIRA E O MARANHÃO: 400 ANOS

João Paulo lI,
Padre Antônio Vieira

Em outubro de 1991, quando da visita de João Paulo II ao Maranhão, o Governo do Estado publicou, em bela edição, oito Sermões proferidos pelo Padre Antônio Vieira durante os anos em que ele aqui esteve na condição de missionário jesuíta. Cuja edição, é claro, não pretendeu enfeixar todos os sermões ditos aqui ou que ao Maranhão se refiram. Todavia, aquela obra, apesar de seu bom aspecto gráfico, saiu sem qualquer nota que indicasse qual o critério adotado para a escolha e seleção dos textos.

Por outro lado, os sermões foram publicados de modo aleatório, e sem obediência à ordem cronológica da produção dos textos. Veja-se, por exemplo, que o livro é aberto com o Sermão de São Pedro Nolasco (1654), provavelmente o 16º pronunciado no Maranhão, antecedendo, assim, no livro, a sermões aqui pregados em 1653, como os de Santo Antônio (*na Domínga Infra octavam de Corpus Chrísti*) e o da *Primeira Dominga da Quaresma*.

Aliás, este último, por todos os títulos, o mais relevante para a história da colonização e da evangelização do Norte do Brasil, porque nele, em defesa dos indígenas desta parte do Brasil, Vieira introduz - tardiamente embora - o conceito de guerra justa, formulado e adotado um século antes, pelo dominicano espanhol Bartolomé de Las Casas, no Caribe e na América Central.

No célebre Sermão (dos Peixes) de Santo Antônio, pregado, em São Luís, a 13 de junho de 1654, mesmo com pouco tempo no Maranhão, Vieira diz: *Muitas vezes vos tenho pregado nesta Igreja* [então é mais provável que se referisse à Igreja e Colégio da Companhia de Jesus, de

Nossa Senhora da Luz, e não à Igreja de Santo Antônio, como há suposições], *e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite*...

Tal testemunho indica, portanto, a necessidade de meticulosa e ampla pesquisa nos textos dos mais de duzentos sermões produzidos pelo grande missionário para identificar aqueles de interesse para a nossa História. Evidente, eles serão em número muito maior do que o comumente suposto.

Sem muita aplicação e quase total inconstância, tenho procurado identificar na maravilhosa floresta de palavras que constitui a exuberante obra de Vieira sermões e cartas produzidas no Maranhão ou que de algum modo digam respeito ao nosso Estado.

Pesquisador bissexto identifiquei, até agora, dezessete sermões maranhenses. Sem nestes incluir o Da Epifania, o Da Sexagésima e o Da Terceira Dominga da Quaresma, pregados em Lisboa, mas contendo assuntos e fatos relacionados com a Missão do Maranhão. Alguém mais aplicado encontrará outros.

Também já tenho identificadas dezenas de cartas. Numa destas, a de 20 de janeiro de 1648, escrita em Paris e dirigida ao Marquês de Niza - D. Vasco Luís da Gama -, o padre Vieira antecipa e defende a constituição de companhias gerais de comércio, com caráter monopolista, tal como a que seria criada por Pombal, para o Grão-Pará e Maranhão, um século depois. Há, também os importantes relatórios de missões à Serra de Ibiapaba e ao Rio dos Tocantins.

A segunda carta ao Padre Provincial do Brasil é, todavia, um dos mais importantes documentos antropológicos sobre o Maranhão. Enquanto esperou em vão durante seis meses por providências do Capitão-Mor para subir o Rio Itapicuru, em missão de evangelização dos Ubirajaras (Barbados), Vieira empregou o seu tempo em outras atividades.

Então, relata, sobre a constituição das aldeias da Ilha do Maranhão (São Luís), o uso de redes (que compara aos palanquins da Índia) para transporte em viagem; sobre o caráter do Prior do Carmo (Frei Inácio de São José); menciona o ciúme dos índios; descreve usos, costumes, danças, cânticos e bebidas dos naturais da terra.

Relata ainda como foi morto o padre Luís Figueira e mais doze irmãos jesuítas e trata de outros assuntos, com detalhes de observador arguto. Levantar, digitar e anotar tudo isso é trabalho para muitos meses, vários estudiosos e auxiliares.

Quem sabe conseguiremos formar boa equipe e obter financiamento para a edição de obra tão importante em 2008, ano do 4° centenário de nascimento do padre Antônio Vieira? (07/06/2007)

NEIVA NO PODER

Camilo Cienfuegos,
Fidel Castro,
Ernesto Guevara,
Alex Brasil,
Neiva Moreira

Depois de anos de exílio e de um longo período de combates a partir dos contrafortes da Sierra Maestra, liderados por Camilo Cienfuegos, Fidel Castro e Ernesto Guevara, assim que entraram em Havana os vencedores da Revolução Cubana cuidaram de praticar atos de alto significado simbólico. Tais atos não deixariam mais dúvidas de que o país viveria nova e definitiva situação política.

Imediatamente, Fidel ocupou o palácio sede do poder executivo; Guevara instalou-se na antiga fortaleza que domina a entrada da barra da cidade; e Cienfuegos teria ocupado o Hotel Nacional, propriedade do estado, arrendado por americanos associados a criminosos exploradores do jogo, da prostituição de luxo e do tráfico de drogas.

Esse hotel, então antro de orgias inenarráveis, está situado numa extensa zona de praia muito apropriadamente denominada de El Vedado, onde era proibida a entrada de cidadãos cubanos. Naqueles tempos, cubano que entrasse naquela área era sumariamente condenado a ter um pé decepado...

A ocupação do hotel simbolizou o fim da manipulação do poder político pelos empresários americanos. Ou melhor: o povo cubano agora dirigiria seu próprio destino. O livre acesso de todos ao hotel e a

El Vedado era a restauração da liberdade de ir e vir dos cidadãos em sua terra. A ocupação da velha fortaleza da barra, que no período colonial materializara a dominação militar espanhola, significava a retomada pelo povo da segurança militar do país. Estive ali, a passear entre suas espessas muralhas; de suas ameias, ainda guarnecidas de pesados canhões, sondei o verde Mar do Caribe, imenso; visitei os aposentos e a oficina de trabalho que serviram ao Che. Vitorioso, ele ali instalara o seu quartel general.

Como nos tempos da colonização espanhola, às 10 da noite, depois de um dia de trabalho duro, o silêncio necessário para o repouso da cidade ainda é anunciado por uma salva de canhões de grosso calibre, disparados por grupos de militares que, vestidos a caráter de antigos arcabuzeiros, marcham pelas ruas ao estridente som de matracas e rufos de caixas-de-guerra.

Com o poeta Alex Brasil, nesta segunda-feira, estive no Palácio dos Leões, atendendo a chamado do velho amigo e padrinho de meu casamento Neiva Moreira. Encontrei-o instalado em sala confortável, com justíssimo direito a assessor, a eficiente secretária e a auxiliares administrativos. Enquanto conversamos não pude deixar de rememorar os tempos das Oposições Coligadas contra o vitorinismo.

Vi-me, ainda bem jovem, entre a fumaça das caldeiras onde se derretia o chumbo das linotipos, postas uma ao lado de outra, como linha de produção de textos para O Combate e Jornal do Povo. Ouvi o ronco dos modorrentos prelos nos porões da Rua da Palma e da Rua da Paz. Sem falar nos grandes jornalistas da redação daqueles diários, à frente a figura carismática de Neiva Moreira, relembrei de Codó, de Ferraz, de Lindolfo, de Amor, de Marçal, incansáveis operários daqueles jornais das Oposições.

Também não tive como evitar a analogia da situação daqueles líderes revolucionários cubanos com a atual posição de Neiva Moreira, o comandante das forças oposicionistas de então, hoje instalado ali no célebre Palácio dos Leões, símbolo e sede do poder político maranhense, em pleno exercício de funções que lhe foram delegadas pelo atual governador. E pensei em quantos dias e noites Neiva Moreira lutara à frente de amplas alianças de maranhenses, para a conquista do poder político do Estado.

Depois de período tão longo, iniciado no final dos anos 40 do século passado, no qual se inclui também longo exílio - à semelhança dos cubanos -, diante de mim estava aquele jornalista e deputado de talento inexcedível, respeitado intelectual e político da mais nobre estirpe que o Maranhão já produziu.

No interregno de suas conversas sobre temas políticos, Neiva deve permanecer naturalmente às voltas com difícil questão existencial a resolver: e agora, o que fazer daqueles sonhos, como viabilizar aquelas ideias tão nobres, como tornar realidade aqueles sentimentos de justiça, de igualdade e de paz social, acalentados ao longo da vida? Os cubanos, daqueles tempos heroicos eram ainda jovens. Unidos, concretizaram grande parte de seus sonhos. Fizeram muito por seu povo.

Infelizmente, dos camaradas que lutaram ao lado de Neiva poucos ainda vivem para o acompanharem na experiência da conquista do poder e na expectativa de eventuais e incertos resultados de tão longa luta e muito maior amor às causas do povo. Como nenhum outro político maranhense, ele merece colher a rosa cultivada com inigualável persistência e exemplar dedicação à luta pela liberdade. (05/07/2007)

UM ERRO E SUA EXPLICAÇÃO

Aurélio, Antônio Vieira

Outro dia escrevi sobre as redes de São Bento. A propósito do mesmo, nos dias seguintes, recebi boa quantidade de mensagens via internete. Nelas e na rua, algumas pessoas diziam-me jamais haverem imaginado u m sujeito típico do mundo urbano capaz de tratar, com minúcias de saberes, de tema tão rural como o ofício de tecer redes de dormir.

Hoje, confesso que aquele texto saiu assim muito à vontade, ao correr da pena, como se dizia antigamente. Nenhuma pesquisa a livro algum. Apenas o arquivo da memória foi consultado. Lembranças

naturais de um menino curioso, acrescidas e atualizadas por observações em não poucas viagens pelo interior, ao longo da vida.

Todavia, essa boa memória não evitou pelo menos um erro, notado apenas na segunda feira passada. É o seguinte: naquele texto foi grafada por várias vezes a palavra tapueirana para referir um tipo especial de tecido usado na confecção de redes fortes, resistentes a longo tempo de uso e muito vistosas em razão da peculiaridade das estampas que exibem.

Só que a grafia correta do nome desse tipo de rede é tapuirana, vocábulo derivado do tupi-tapuia, segundo o mestre Aurélio. Porém, como sabe todo são-bentuense, lá em nossa terra as pessoas falam assim: tapu ei rana. Ninguém fala tapu i rana. Portanto, escrevi o vocábulo conforme o som ouvido por setenta anos. Segui o povo e não cuidei do dicionário. Errado? Paciência, feita está a correção.

Aliás, para não deixar o assunto de lado assim sem mais nem menos, vale aqui mencionar que durante muito tempo - pelo menos até final dos anos 30 do século passado as redes eram usadas também como veículo de transporte. Na minha casa ouvi várias vezes contada urna viagem feita por meus pais entre São Bento e Viana, então um percurso de 25 léguas. Ele, a cavalo; e ela, grávida, em uma rede.

Segundo o costume, a rede ia pendurada em longa taboca de bambu e transportada nos ombros por quatro homens, sendo dois à frente e dois atrás. Aqui e ali uma parada para descanso e água. Refeições e pernoites em casas de fazendeiros e compadres situadas ao longo do caminho. Esse uso das redes, muito comum em quase todo o interior maranhense, onde não havia estradas e os meios de transporte eram rudimentares, parece não ter sido introduzido aqui pelo europeu colonizador, que o teria encontrado como costume dos índios, no litoral e nos sertões.

Redes eram igualmente muito usadas a modo de féretro para o enterro de pessoas de menores posses e, muitas vezes, para a trasladação ee enfermos dos "centros" para a cidade, em busca de assistência médica ou dos experientes e competentes farmacêuticos.

Nos antigos livros de cronistas que primeiro descreveram os costumes e usos dos índios brasileiros há referências ao uso de redes nas aldeias, seja para dormir ou em cerimônias funerais. Do mesmo modo, elas são tidas por espécie de palanquins da Índia, em que se transportavam pessoas, conforme as comparou o padre Antônio Vieira. Este jesuíta, em carta escrita ao Provincial do Brasil, em 1654, descreve como se davam as missões dos companheiros palacianos às aldeias da Ilha de São Luís.

Depois de relatar as grandes dificuldades e os empecilhos à locomoção dentro da floresta cerrada e quente, onde os ventos não penetravam de tão densos que eram os matos, escreveu o grande missionário:

Até às nove horas, por serem os caminhos mal abertos e os orvalhos extraordinariamente grossos, não se pode caminhar senão molhados até ao joelho.... É verdade que os índios nos oferecem redes ao uso da terra, e muitas vezes as levam atrás de nós, e nos fazem força para que nos assentemos nelas.

Bem, declarado e corrigido está o erro. Para não incorrer em outros, que o sono decerto agravará, fiquemos por aqui. A tapuirana está bem ali, macia e sedosa, com seus cheiros hipnóticos. (02/08/2007)

ELAS CUSTARAM A CHEGAR

As chuvas

Este ano elas custaram a chegar. É sinal dos tempos. Ultimamente, tudo anda alterado. Mesmo as nossas velhas certezas de repente somem. E deixam a gente dentro de um enorme vazio de insegurança ou diante de perplexidades que nos espantam. Aquele conhecimento recebido como que por herança transmitida desde as nossas mais remotas ancestralidades, e que às vezes, ao longo da vida, se transformaram em convicções, está aos poucos perdendo a sua utilidade prática. No mesmo passo, os saberes adquiridos no estudo das ciências a cada dia vão sendo superados por novas leis, teorias e princípios científicos enunciados nos mais distantes lugares do mundo.

Outro dia, passando os olhos sobre velhos textos sobre o Maranhão, mais particularmente sobre São Luís, deparei informações sobre o princípio e o fim da estação das chuvas. Soube então que, lá pelos idos de 1650, as chuvas aqui principiavam no meado de novembro e para irem diminuindo em março e se acabarem, definitivamente, em abril/maio. Fevereiro deveria ser o mês de águas copiosas. Maio seria, portanto, mês seco, de estio.

Lembro-me bem das férias escolares passadas no campo, em plena Baixada, em meados dos anos 40, do século passado. Quando era mês de julho as águas já haviam abaixado, o Paulistinha de Dieguez pousava no campo, bem à porta da fazenda, e o gado pastava em prados infinitos cobertos de capim novo e suculento, macio relvado. Era visível o refluxo das águas que durante meses cobriram os campos, deixando apenas alguns tesos propícios para a noturna malhada dos gados; elas escorriam céleres, atraídas pela força mágica dos lagos e dos rios, arrastando as touceiras de orelha-de-veado, de aguapé e o balsedo através dos estirões dos igarapés e dos furos.

Assim é que, naquele tempo, a estação invernosa principiava, na verdade, em dezembro para se acabar nos últimos dias de maio. As primeiras chuvas fortes caíam no dia de Nossa Senhora da Conceição - 8 de dezembro; aos poucos, a frequência delas se amiudava até se despejarem torrenciais durante dias e noites seguidos dos meses de fevereiro, março e abril. Lá um ano ou outro quase imperceptíveis alterações se dava nesse calendário governado pelas chuvas.

Mas, Dia de São João era sempre noite de grandes fogueiras de achas de lenha já bem secas, a espargirem faíscas contra o negro da noite ao menor sopro do vento. Nenhuma fita encharcada pendia dos chapéus e no couro dos novilhos apenas os canutilhos e as lantejoulas brilhavam entre o fogo dos besouros, das carretilhas e dos busca-pés. Junho trazia consigo o tempo em que os fios do telégrafo se dilatavam ao peso de milhares de andorinhas de penas irisadas, que azucrinavam o ar seco das manhãs ensolaradas com um chilrear incessante. Esse tempo de saudades cada vez maiores está longe... muito longe.

Mas neste ano o São João foi debaixo de chuva. Não houve fogueira. Apenas pequenos fogos para retesarem o couro dos pandeirões e dos tambores se viram aqui, ali. O verão veio com mais de

mês de atraso, que nem o do ano passado. E as andorinhas, caçadoras dos insetos cujos ovos também eclodiram fora de tempo, somente agora furam o azul com voos ainda tímidos, como se duvidassem da firmeza do tempo. Todavia, estou alegre com seus grinfos estridentes, porque eles certificam a renovação da vida. Como escreveu Alencar, ao findar um dos mais belos livros do mundo, tudo passa sobre a terra. (16/08/2007)

DE SAUDADES E DO MAR

Ribamar Pereira,
Silvestre Fernandes,
Fernando Pessoa, Adamastor

Tem dia em que pela nossa lembrança passam cenas as mais diversas em espantosa velocidade. É como se estivéssemos em um cinema muito particular, pessoal, íntimo, a rever, em alta rotação, instantes doces ou amargos de nossa vida. Foi assim no primeiro dia deste novo ano. Sucessivamente, vi com impressionante nitidez digital, rua por rua, casa por casa, árvores, cercas, pessoas, céus e campos da minha pequenina cidade de São Bento. Eu voltara a ser menino e acabara de ouvir o plangente sino da Matriz fender o silêncio da noite e abafar o pio das corujas no anúncio do ano que chegara.

Havia, então, uma inquietante expectativa dentro de mim: como seriam os novos livros que eu levaria na pequena bolsa preta para o grupo escolar? Aquele que tinha uma poesia de Ribamar Pereira sobre a vida do pescador:

Velas ao mar
noite e dia
nesse incessante labor
depende da pescaria
a vida do pescador...

Eu já sabia quase todo decorado. Era do professor Silvestre Fernandes. Eu esperava encontrar no livro do terceiro ano primário mais poesias. E deve ter sido assim, porque naquele tempo a gente tinha primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto livros de leitura.

Na sala de aula a professora ouvia os alunos, um após outro, ler os textos que ela escolhesse sem prévio aviso. Essa lembrança naquela clara e morna manhã do dia primeiro me fez correr à estante e tomar um livro de poesia. Qualquer um serviria. Tive sorte: saltou da prateleira um belo volume com poemas de Fernando Pessoa produzidos entre 1918/1930.

Aleatoriamente aberto, deparo, na página 237, o poema "O Aldeão", composto em dezembro de 1924. E vejam que versos:

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.
E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.
Por mais que me tanjas perto,
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.
A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

Como cantou o mesmo poeta em outro poema, contido no mesmo livro:

Ter saudades é viver,
Não sei que vida é a minha
Que hoje só tenho saudades
De quando saudades tinha.

Pois foi assim que entrei neste novo ano cheio de saudades do futuro que passou sem possibilidade de transformar-se em passado. Saudades do sino da minha aldeia de São Bento dos Peris que ainda dobram por meus pais e meus irmãos, pelos pescadores, varejadores,

caçadores, vaqueiros, tiradores de muçum, lavradores de minha terra. (10/01/2008)

O MARANHÃO É DO MAR

Narciso Frias,
Leôncio Castro,
Pe. Vieira

Uma das boas recordações que tive nesse dia primeiro que passou foi a dos navios fundeados em frente ao Palácio dos Leões. Menino ainda eu os contemplava da janela de nossa casa na Praça de Gonçalves Dias. Seguindo a lancha Tupy, da praticagem da barra, e orientados pelas boias eles entravam vagarosamente no porto soando o apito grave. Passavam no estreito canal quase roçando na amurada do Forte de Santo Antônio, lançavam âncoras no fundeadouro e permaneciam surtos, pacíficos e calmos, na mansidão das águas rasas. Ao pôr do sol a robusta silhueta dos navios era uma tarja escura inscrita no horizonte rubro.

São Luís, paraíso legado por Deus aos aborígenes, se fez europeia e africana pelo mar. Desde o período colonial a presença de navios em nosso porto é fato econômico importante. Tempo houve em que a falta de transporte transatlântico motivava a maior reclamação à metrópole: para São Luís vinha apenas um navio por ano. Por séculos foi tamanha essa relevância que os jornais aqui editados noticiavam com destaque a bandeira, a origem e a carga dos navios que arribariam e também a data da partida, a carga e o destino dos que zarpariam. A Booth Line mantinha agência na mesma praça dos palácios, do bispo, do governador, do prefeito e do tribunal de justiça.

A frenética atividade no cais compeliu o Estado a criar uma guarda portuária para impor ordem e reprimir descaminhos nos trapiches. Os estivadores estavam entre as categorias de mais altos salários. Tinham as melhores casas dos subúrbios e podiam pagar o estudo dos filhos em colégios de elite. Porque a carga e descarga de navios através de alvarengas e batelões era feita basicamente nos braços e ombros de homens robustos, sem uso de equipamentos

mecânicos. As altas rendas desses trabalhadores mantinham um bom time de futebol na primeira divisão estadual: o Vitória do Mar.

Como uma recordação puxa outra, lembro-me agora de um mentecapto, afilhado da minha avó, que toda semana ia tomar a soa bênção e receber uns trocados. Era levado pelo pai, um sapateiro surdo como um travesseiro. Analfabeto, se a gente perguntasse pelas novidades ele sempre ia à janela da saleta, dissimulava um olhar para a baía, pegava o jornal de cabeça para baixo e dizia todo pimpão:

- O Imparcial diz que tem três navios no porto!

Isso é que eram novidades: navios no porto! O Maranhão não podia viver sem eles. Tudo aqui entrava e saía pelo mar. Até as cervejas servidas estupidamente geladas nos bares de Narciso Frias e do cônsul Leôncio Castro eram dádivas do mar. As garrafas de Teutônia, Bock Ale, Pilsen Extra, empalhadas e encaixotadas eram descarregadas dos navios com especial cautela. Não deveriam ser agitadas, nem ficar muito expostas ao sol.

Como eu dizia, de primeiro chegaram os veleiros espanhóis, franceses, portugueses, holandeses, também chamados maracatins pelos indígenas, trazidos quase à força das impetuosas correntes oriundas da negra bocarra de Adamastor, sob o incessante e impiedoso açoite de ventos poderosos. Foi no tempo dos colonos e dos missionários, dos militares e dos piratas, dos traficantes e dos negros escravos.

A propósito dos originais habitantes do lugar, o Pe. Vieira escreveria que no Maranhão "as gentes andam por ruas, travessas e praças de água... mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo que não seja com o remo na mão." Depois viriam os navios a vapor, encouraçados de ferro com máquinas possantes vencendo as rudezas da natureza. Segundo interpretação do mesmo jesuíta, profecias de Isaías diriam que os ventos e as águas constituem elementos fundamentais na vida dos Maranhões, estes concebidos e criados por Deus como espécie diferenciada e evoluída de criaturas marinhas, povos de uma terra incógnita situada na Linha no lado oposto da Etiópia.

Não será por causa disso que os Maranhões são inexcedíveis no trato dos pescados e não têm a mesma perícia no preparo das carnes? Hoje olho para a baía e contemplo a repetição daquela cena estampada no livro de Barlaeus onde se vê a barra coalhada de veleiros. É a imagem inaugural da iconografia de São Luís, ainda na metade do século XVII. Em primeiro plano, as naves com o velame arriado entre ás enxárcias, bandeiras desfraldadas; em plano posterior, o incipiente burgo, desordenado arruamento de casas de mercadores.

No limiar deste ano não volto à janela do solar da praça; disponho de ponto de vista mais amplo: do alto de quarenta metros, visão desimpedida de ilimitado horizonte líquido, contemplo vinte ou mais navios ancorados em fila à espera de vaga nos berços do Itaqui. Eles voltaram... Se o maluquinho afilhado de vovó os visse, logo pegaria o jornal e diria, todo cheio de suficiência, a quem lhe pedisse as novidades:

- O jornal está dizendo que tem vinte navios no porto!

Isso sim, é que são boas novidades. Tomara que venham cada vez mais, cada vez maiores, com maior frequência e constância. Que a presença deles certifica emprego, pão, riqueza, vida. Há mar no nome Maranhão. Não há mais o que reclamar. Exceto de nós e a nós mesmos. No dia em que governo e povo usarem bem o mar, o Maranhão será de fato o Brasil melhor. (17/01/2008)

O FIM DE SÃO LUÍS ESTÁ ESCRITO

Antônio Vieira,
Antônio Bandarra,
Profeta Isaías,
Malavenda

Não, não é por causa de administrações municipais, como se pode muito bem julgar. É que, independente disso tudo o que aqui se viu, vê e sofre, São Luís vive a realidade de dias profetizados. O mar devora a orla, come a ilha pelas beiradas e regurgita na profundeza dos canais. Os jornais e a tevê mostram flagrantes da destruição: barreiras caídas, terras assoladas, casas arruinadas; pânico e medo se alastrando

pela beira-mar. Há a lenda segundo a qual um dia o mar tragará a ilha inteira, como nova Atlântida. Há outra: uma serpente descomunal é o lastro sobre o qual São Luís repousa. Ao despertar do seu sono letárgico o monstro levará consigo a ilha para o fundo do oceano. São lendas, apenas.

Mas, o que as profecias anunciam? Antônio Vieira, jesuíta sério e respeitável, pio e temente a Deus, ao longo da vida foi político, missionário e profeta. Nesta condição, aderiu e propagou as ideias escatológicas do visionário sapateiro português Antônio Bandarra, que previam o surgimento, em Portugal, do Quinto Império de Cristo. Por isso, acusado de blasfêmia, foi réu da Inquisição. Absolvido, morreu velho, na Bahia, sem abandonar as ideias messiânicas das quais viveu imbuído.

Lia os céus e interpretava as antigas profecias; formulava novas. Estudava sinais emitidos pelos astros e cometas e sua influência sobre a terra e os seres. Os desígnios divinos se manifestariam através deles. Nações de reis e vassalos ímpios sofreriam castigos profetizados desde os tempos mais remotos: pragas, enchentes, terremotos, ondas destruidoras (como os tsunamis) e outras calamidades. E isso seria mais terrível e certo onde e quando o homem se omitisse dos deveres cristãos e descurasse da propagação do evangelho. Para ele, o político e suas ações também devem submissão à religião.

Cheio de entrelinhas retóricas, entremeado de intricadas metáforas em construções enrodilhadas como cabeleiras de anjos barrocos, os textos de Vieira advertem-nos de que as profecias deixam de ser entendidas com clareza pela nossa teimosia em estudá-las *por entre nuvens, com o véu nos olhos*. Insistia em que a compreensão dos vaticínios necessitava de uma *revelação aos olhos* - Revela óculos meos - o que somente ocorreria quando os homens lograssem a libertação das paixões, dos ódios, deixando a luz do céu alumiar o seu espírito, livres de todos os sentimentos humanos menores. Quer dizer, todo aquele ainda não liberto desses sentimentos mesquinhos, não cristãos, jamais entenderá as profecias.

Pois bem, sabemos que em nossos dias o homem esmorece no culto de Deus e, desidioso ou relaxado, abandona, descumpre os deveres cristãos. Faz do evangelho tabula rasa. Valendo-se da

geomancia e do profundo conhecimento dos textos sagrados, especialmente dos profetas bíblicos e dos persas, o Padre Vieira profetiza as cenas vistas agora em nosso litoral: A Baía de São Marcos coalhada de enormes navios vindos de longe, levando nossas terras sob a forma de minérios, e o mar tragando a Ilha de São Luís, como castigo pela nossa impiedade e insubmissão a Cristo.

Na obra *História do futuro*, ele prevê que as terras do Maranhão serão ***senhoreadas e afogadas das águas***. E anuncia este oráculo pela boca do Profeta Isaías: ***São estes homens*** [do Maranhão] ***uma gente a quem as águas lhe roubam a sua terra (cujos, dirípuerunt flumína terram ejus), vendo-se por toda parte destroços e roubos que as águas fazem das terras.***

Ora, marinheiros, geólogos e oceanógrafos constatam que, depois que os navios de minérios vieram para o Itaqui, os canais naturais do mar foram obstruídos; o revoltoso Boqueirão se converteu num plácido igarapé, o antigo ancoradouro da cidade secou e as marés subiram até as ribanceiras da costa, esboroando tudo.

Pior é que essa constatação científica encontra escora nas proféticas palavras de Vieira; citando o persa Malavenda na obra "De Antichristi": ***Ai da terra, àquela vêm os estrangeiros em navios de terras longínquas e estendem suas velas como num voo de águia. E continua lembrando proclamação de Isaías: Ide, anjos velozes, [socorrei] a uma gente que está esperando e é pisada e a quem as águas arrebatam as terras.***

Assim, está escrito: a Ilha de São Luís soçobrará. A começar pela Ponta d'Areia... Tais são as palavras dos profetas e os sinais de Deus. Mas, somente àqueles realmente libertos será dado entender. (25/01/2008)

SACO CHEIO DE HISTORINHAS

Antônio Vieira, Tácito, Tertuliano ,
José Chagas, Antônio Biá, José Dumont,
Milton Torres, Carlos de Lima

Uma sucessão de fatos geralmente desconexos e irrelevantes do ponto de vista científico, que teriam ocorrido durante lapsos da evolução da humanidade, foi a historinha que estudamos, faz quase sessenta anos, nos cursos primário e secundário. Nos manuais do colégio prevaleciam a incrível narrativa de quadros relativos à vida nas cortes e inimagináveis e sempre gloriosas batalhas travadas por nobres na defesa, na conquista ou no alargamento de seus domínios.

Todo soberano era sempre justo, valoroso, destemido, capaz de, em busca da justiça, enfrentar e vencer com galhardia a brutalidade de bárbaros. Tal história assemelhava-se às sagas dos cavaleiros andantes criadas pelo gênio de notáveis escritores da idade média. São distantes antepassados dos super-heróis das histórias em quadrinhos e dos filmes em série, hoje tão comuns na televisão, que povoam o imaginário infanto-juvenil.

Quando escreveu sua História do Futuro, Antônio Vieira a intitulou também História Verdadeira, porque, segundo ele, fundada em quatro certezas: na certeza da fé, na certeza teológica, na certeza moral e na certeza provável. Aquela História seria verdadeira por expressar predições das profecias canônicas e por esclarecer ou revelar verdades sagradas contidas nas Escrituras. Diz ele, então, sobre as outras histórias humanas, aquelas referentes a fatos passados, o seguinte:

(...) assim, nas antigas como nas modernas, todas elas estão cheias, não só de cousas incertas e improváveis, mas alheias e encontradas [opostas] com a verdade, e conhecidamente supostas e falsas, ou por culpa dos mesmos historiadores.

Segundo Vieira, mesmo Tácito, historiador grego célebre por seus *Anaes,* teria ocorrido em inverdades porque só tinha perto a ambição de seu próprio juízo, com que formava os processos para as sentenças e não as sentenças sobre os processos. Por isso Tertuliano lhe chamou com razão ***mendaciorum loquacissimum*** [o mais loquaz dos mentirosos]. Arremata o jesuíta:

Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso,

sendo infalível que só um possa dizer a verdade e certo que nenhum diz.

A proposito dessa observação do missionário português, José Chagas, nosso cronista-melhor, cunhou feliz expressão para designar e conceituar grande parte dos autores de livros e artigos aqui publicados sobre pretensa História do Maranhão: são, segundo ele, Narradores de Javé, confusos, disparatados, desencontrados. Exatamente iguais ais habitantes da imaginária cidadezinha de Javé, contadores de lendas ao escrivão Antônio Biá, encarnado em bom filme nacional pelo ator José Dumont.

Em verdade suas histórias são intrincada e contraditória miscelânea de nomes de gente e de datas sem qualquer utilidade científica para o conhecimento e interpretação da nossa evolução social. Chagas tem a mais absoluta razão, como sempre. Porque de fato há um montão de histórias do *crioulo doido* circulando por aqui, contadas por pessoas que não fazem outra coisa senão repetir mentiras e invencionices, ampliar bobagens, agravar tolices e asneiras de narradores desqualificados.

Felizmente, em meio a essa fragorosa e atordoante avalanche de tropeções históricos, em 2006 o Instituto GEIA publicou excelente obra de Milton Torres sobre *O Maranhão e o Piauí no espaço colonial* e, em seguida, uma boa *História do Maranhão – A Colônia*, do Maranhense Carlos de Lima. Deus permita que os Narradores de Javé aprendam com esses autores. Porque todo mundo já anda de saco cheio de historinhas. (25/01/2008)

VIDA NO LIVRO DE ARLETE

Arlete Machado,
Dona Enoi,
Márcia de Queiroz,
Pe. Vieira.

A gente jamais cura as feridas da vida. Por mais que desapareçam na epiderme do corpo, elas permanecem lá no fundo do tempo, a nos espreitar, a nos mortificar camufladas pelos enganos

que nós mesmos nos impomos. Enganarmo-nos a nós mesmos é a mais cômoda forma que adotamos para ir tocando o destino. Assim como o carreiro que, sentado ao cabeçalho do carro, ânimo dormente pelo ranger dos eixos, faz de conta ignorar o sofrimento dos bois sob o ferrão. São feridas eternas da alma as perdas de pai, de mãe, de irmãos e filhos queridos. Doem e dilaceram a gente, não importa o tempo decorrido.

Arlete Machado, com o lançamento de seu "O rio", enfiou um espinho de tucum em minha memória e aguilhoou uma dessas minhas velhas feridas; ao convidar-me para o lançamento de sua pequena grande obra, ela reavivou a imagem da minha querida mãe. Amiga de juventude e colega de colégio da Dona Enoi - mãe de Arlete, ela também a poetisa de fina sensibilidade Márcia de Queiroz - eram raras as tardes em que as duas não se encontravam à varanda do grande solar da Quinta da Vitória debruçada sobre as águas, no jenipapeiro.

Sentadas ali, na placidez de um ambiente sem burburinhos, tendo à vista o sobrado do Asilo de Mendicidade, na outra margem do Anil, permaneciam na relembrança dos tempos de convívio no colégio Santa Teresa. Nós, meninos, nos instantes de maré cheia, a nos banhar na Praia do Jenipapeiro, que não passava de estreita faixa de beira-rio, sem areia, revestida de pedrinhas ferruginosas. Os mais taludos aventuravam-se em ousados mergulhos do alto da proa de uma carcaça de embarcação, que ali apodrecia.

O acesso à Quinta da Vitória se dava por cima de um túnel da estrada de ferro, hoje parcialmente demolido. Descia-se do túnel até o vestíbulo daquela mansão em pequena rampa de cimento. Um belo portão, com grades já bastante enferrujadas pelo salitre, sob três ou quatro árvores frondosas e alguns coqueiros, era o único elemento remanescente dos antigos muros da propriedade, que teria pertencido ao poeta Sousândrade.

De dentro d'água podíamos ver os óculos dos escuros e misteriosos porões da casa e sua fileira de majestosas janelas de vidraçaria multicor. Deixo ali na memorável varanda da quinta do poeta os gestos suaves e os modos delicados daquelas duas amigas e delas volto a me lembrar, com saudades, ao ler o oferecimento de

"O rio" com o autógrafo de Arlete: ***"Para Itapary, lembrança afetuosa, com recordações inesquecíveis de nossas mães".***

A fábula do primoroso livro de Arlete Nogueira da Cruz Machado, além de favorecer-me tão gratas recordações, também me reconduz aos tempos de menino às margens do rio Pindaré e do Tocoíra e me mantém enleado nos cipós e nos espinhais do Igarapé da Pomba do Ar, na Mata da Quadra, à beira da Enseada das Colhereiras emplumadas de carmim.

Vieira, em um dos sermões do Rosário, fala de um rio do Paraíso que nascia no lugar das delícias e se dividia como em cruz. Com a sua fábula, Arlete nos lembra de que dentro de cada um de nós nasce um rio que flui e escoa por via das cruzes que a vida nos impõe.

Despojado e limpo de artifícios sob os quais comumente se disfarçam vulgaridades, o texto da fábula tecida por Arlete amalgama elementos míticos e mágicos comuns à vida dos ribeirinhos. Encontra-se em suas páginas a síntese, o sumo, de histórias de homens e mulheres anônimos cujo destino é líquido e corrente como um rio -, pessoas naturais e comuns deste Maranhão de muitas águas, bendito lugar onde, como diz a autora, A *vida não precisa de norte,* [pois] *a vida leva a gente.* (22/11/2012)

BREVE SÚMULA DO PAVÃO

Padre Vieira, Carioca, Zé

Aparentemente contraditórias, há duas coisas que gosto de fazer. Uma é ouvir o povo no Mercado Central. Velho hábito da juventude. Tenho lá conhecidos amantes da boa prosa. Outra é ler. Habito próximo demais da compulsão. Domingo, cedo, terminada a leitura do "Sermão da 1' Sexta-Feira da Quaresma, 1664", no qual Vieira disserta sobre o ódio, fui ao Mercado. Há relativa fartura de comidas, de bebidas e de conversas. No Box de Carioca, inteligente e correto vendedor de aves tratadas ao ponto de panela, a saudação tem sempre o tom de piada, gracejo, chiste ou pilhéria.

- Sabe da última, amigo? De sopetão, Zé pergunta e, sem esperar sílaba de resposta, vai logo contando a mais recente: - No Alvorada, estão gastando uma nota com a troca dos bidês por lava-a-jatos.

É um pândego aquele vianense. Também não perde oportunidade para palavrear sobre a Baixada. Mas, o papo sobre política é o de sua preferência. Bem informado, escuta rádio, lê os jornais, os blogs, e não perde o noticiário nos canais do Congresso e da Justiça. Sobre esse tema, tudo o que se lhe diga serve de mote. E tome glosa.

Neste domingo, após a anedota de entrada, Carioca foi logo me perguntando: E a política, conterrâneo? Ele insiste em chamar de conterrâneos a todos os baixadeiros.

- É isso que se vê, amigo: a mesma dança, o mesmo boi, ano que vem mês que foi. Respondi. Mal fiz passo para a banca de camarões secos fui travado pelo braço e instado a sentar-me num mocho retirado de dentro do Box.

- Sente aí, por favor. Preste atenção no que lhe vou dizer com toda a minha experiência de mais de cinquenta anos como criador, tratador e vendedor de aves. Meio século de conhecimento, amigo. O fim mais triste que pode ter uma ave foi reservado para os pavões que se metem em galinheiro. Isso, mesmo sendo galinha e pavão aves do mesmo gênero, que os estudiosos chamam de galiformes.

Então, Carioca puxou um tamborete e sentou-se ao meu lado. Sem atinar bem com a razão daquele papo incomum nos encontros com o Zé recebi, quieto e mudo, uma aula sobre galinhas e pavões.

- Amigo, prosseguiu Carioca, a diferença entre os dois é que os galos e as galinhas são bichos humildes, como a gente do povo. Já o pavão, meu doutor, esse é animal soberbo, orgulhoso, exibido; quando entra num galinheiro, então, só quer ser o que a folhinha não marca. Crente de ser o melhor e maior habitante do quintal; até mesmo do que o peru! Ora, onde já se viu? Peru é prato de realeza, já o pavão' ninguém come. Pelo menos que se saiba. Sou mais um capão bem criado. No ano passado, meu galinheirinho, lá na Madideus, andava precisando de um chefe pra botar ordem nele. O galo velho, crista caída, esporão rombudo

tinha perdido a autoridade. Os frangos e a galinhada faziam o que bem entendiam. Aí o compadre Humberto me vendeu um pavão, trazido de Brasília, dizendo ser bom chefe de terreiro. Seu doutor, meu amigo, dinheiro posto fora. Aquilo é ave para enfeite de jardim, bicho de palácio de Marajá, só rabo e exibição. Imprestável para outra serventia. No quintal, vivia escondido numa moita de capim-limão e só aparecia para gritar e abrir o rabo. Nunca mais as galinhas botaram ovos. Toda vez que o pavão estufava o peito, gritava e abria a cauda deixava os fundos de fora. Com um mês, os outros bichos viram que pavão é mesmo só papo e rabo e não serve pra chefiar quintal algum. Resultado: a zorra no quintal piorou. Veja como é a natureza: mais útil e mais bonito é um galo, que um pavão. Pelo menos o galo bota ordem no terreiro, canta bonito e ainda abaixa a galinhada. Tem ovo galado todo santo dia. Pavão é só enfeite, pura fanfarronice de penas.

Nesse ponto, decidi interromper aquela despropositada aula de ornitologia empírica:

- Espera aí, amigo, tu me perguntas sobre política e passas o tempo todo a falar de galos e pavões?

Carioca pôs as mãos na cintura e encerrou nossa conversa com toda a sua suficiência:

- E então, amigo?

(05/02/2015)

Rio de Janeiro, Cachambi, 4 de dezembro de 2020.
Ano da Pandemia do Covid-19.

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), reside no Cachambi, Rio de Janeiro. Poeta, escritor, participou dos movimentos poéticos e políticos nas décadas 1960/1970/1980, tempos do mimeógrafo, das bancas nas praças, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Tem textos publicados em diversos jornais, sites e antologias. Publicou folhetos de literatura de cordel com o pseudônimo "Sá de João Pessoa". Os e-books estão disponíveis em diversos sites de depósito de arquivos.
Site: www.dominiopublico.gov.br.
e-mail: rovedod10@hotmail.com
Blog: www.salomaorovedo.blospot.com.br
Blog: www.rovedod10.wordpress.com
Wikipedia: www.pt.wikipedia.org/wiki/SalomãoRovedo
Site: http://projetolivrolivre.com/